

FACULDADE ATENEU  
INSTITUTO FÊNIX DE ENSINO E PESQUISA  
FABIANA JUVENCIO

A casa como Metáfora do Eu  
Uma proposta Arteterapeutica

Vitória-ES

2017

FACULDADE ATENEU  
INSTITUTO FÊNIX DE ENSINO E PESQUISA  
FABIANA JUVENCIO

A casa como Metáfora do Eu  
Uma proposta Arteterapeutica

Monografia apresentada a Faculdade Ateneu e ao Instituto Fênix de Ensino e Pesquisa como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialista em Arteterapia, sob a orientação da Prof. Glícia Manso.

Vitória-ES

2017

FABIANA JUVENCIO

A casa como Metáfora do Eu

Uma proposta Arteterapeutica

Aprovado em 01 de dezembro de 2017

---

Profa Me. Glícia Conceição Manso Paganotto

Orientadora

---

Profa. Dr. Alessandra Azevedo Jantorno

---

Profa Esp. Luziane Cristine Coelho da Silveira

Vitória-ES

2017

## RESUMO

Este trabalho apresenta algumas abordagens e subjetividades das vivências na casa, esse local no que dizem que podemos nos sentir seguros e protegidos. A casa é sim uma subjetividade não por ela só, ela sem habitantes é apenas uma casa, um abrigo de fato um local no qual se recolhe em eminentes intempéries em busca de refúgio. A casa como símbolo e metáfora do eu nos remete ao nosso espaço psíquico pessoal nossa psique consideradas como sendo um 'estado psíquico'. No qual nem sempre é um lugar seguro, nem sempre estamos protegido em nossa própria habitação, nem sempre nossa infância foi amparada por proteção e acolhimentos. Uma casa é um elemento antes de tudo, seu símbolo nos remete a segurança que nem sempre foi cumprida, é como um diagnóstico dado por um médico que nos avaliou a vida toda e não viu uma doença sutil, tem que sair do contexto comum e conhecido, procurar outros curadores e avaliações para que daí achem outros diagnósticos. Neste estágio poderemos ter muitas surpresas, as coisas podem ser por demais desagradáveis, podem haver alicerces comprometidos, rachaduras evidentes e lesões irreparáveis...Então o que é a casa? É lar? É abrigo...Depende de quem a habita, e do sopro que dali provem.

A casa como subjetividade do ser que somos nos traz uma leitura de sua abrangência e o quanto podemos vivenciar com tudo que ela compõe, cada móvel, cada espaço, cada cor, os porões, as galerias, seus terraços, cada canto com sua representatividade nos apontando para nossos alicerces internos, nossos acúmulos de lixos escondidos e submersos. A arteterapia vem objetivar da utilização de suas linguagens expressivas, trazendo conteúdos internalizados, de âmbito inconsciente que moram dentro da nossa casa "ser", nosso eu, são eles que nos trazem conflitos e prejuízos diante de nossos convívios pessoais e desequilíbrios internos. Assim o processo arteterapêutico nos traz um caminho para um encontro com nossas questões, nossas sombras, dando a elas expressividades e ressignificação. Apontando um despertar interior, amplificação da consciência e sua essência.

Este trabalho se deu a partir de um estudo de caso e suas diversas abordagens trazendo a casa como um elemento simbólico, e suas composições de móveis e

objetos e suas representatividades em seus variados contextos nas expressividades arteterapeúticas.

O estudo se mostrou positivo para o que se propôs, dentro da ampla possibilidade arteterapeutica e o design de interiores e o diálogo entre esses dois saberes. Ao passo que essa proposta nos remonta cuidar da casa que somos de uma outra forma, objetivando espaços, retirando entulhos, faxinando cômodos, arrumando gavetas. A casa da gente é uma metáfora da nossa vida, é a representação exata e fiel do nosso mundo interior.

**Palavras-Chaves:** Arteterapia, Desing, Casa, Metáfora.

## **ABSTRACT**

This work presents some approaches and subjectivities of the experiences in the house, this place where it says that we can feel safe and protected. The house is rather a subjectivity not by itself, it without inhabitants and only a house, a shelter in fact a place not which recovers in eminent intempéries in search of refuge. The house as a symbol and metaphor of the self brings us back to our personal psychic space our psyche considered to be a "psychic state." None which is not always a safe place, not always as protected in our own habitation, not always our childhood for shelter for protection and shelter A house is an element first of all, its symbol reminds us of security that is not always bought, it is like a diagnosis given by a doctor that we have evaluated our whole life and did not see a subtle disease, have to leave of the common context and knowledge, look for other curators and evaluations so that others find other diagnoses. At the moment, what is the house? What is the house? who dwelleth therein, and the breath that proceedeth from thence.

The house as subjectivity of the being that we are brings us a reading of its scope and how much we can experience with everything that it composes, each furniture, each space, each color, the basements, the galleries, its terraces, each corner with its representativity in the pointing to our internal foundations, our accumulations of hidden and submerged refuse. Art therapy comes to objectify the use of their expressive languages, bringing internalized contents, of unconscious scope that live inside our house "to be", our self, are they that bring us conflicts and losses before our personal conviviality and internal imbalances. Thus the arteterapéutico process brings us a way to an encounter with our questions, our shadows, giving them expressivity and resignification. Pointing to an inner awakening, amplification of consciousness and its essence.

This work was based on a case study and its various approaches bringing the house as a symbolic element, and its compositions of furniture and objects and their representations in their varied contexts in the expressive arts.

The study was positive for what was proposed, within the broad possibility of art therapy and interior design and the dialogue between these two knowledge. While this proposal goes back to take care of the house we are in another way, objectifying

spaces, removing debris, cleaning rooms, tidying up drawers. Our house is a metaphor of our life, it is the exact and faithful representation of our inner world. I read that phrase the other day and found it perfect.

**Key words:** Art Therapy, Design, House, Metaphor,

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Poder Superior por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

As minhas orientadoras Glicia Manso e Luziane Silveira, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, por terem sido veículo do meu sopro, e por todo seus esforços dentro do que puderam em suas condições de vida e de memória, sou grata.

A minha querida amiga e companheira Vera Gavazza pelas experimentações, trocas e acolhimentos, pelas honestidades emocionais a qual nos propomos e pela validação dos nossos processos, sou grata.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, a minha gratidão.

“Estou com sede de mudanças, mas não quero arrastar os móveis,  
nem desentortar os quadros. Quero desabitar meus hábitos.”

Marla de Queiroz

## MEMORIAL

### PELA ÓTICA DO SAGRADO A ARTETERAPIA BATEU A MINHA PORTA

A arteterapia chegou a mim em um momento de noite escura da alma, estava tudo sem cor e em desequilíbrio, tudo começou assim... Eu estava passando por um conflito existencial fortíssimo e havia me matriculado em uma faculdade a distância porque os conflitos e o medo do futuro incerto me apontavam muitas inseguranças, essas eram as investidas dos pensamentos naquele momento e isso me apavorava. Nesse período eu morava sozinha e estava no auge do síndrome do pânico, o medo da solidão era desesperador e a profissão de designer já não conseguia executá-la como antes, profissionalmente eu me sentia completamente inadequada, a auto estima, a segurança nada disso fazia parte daquele momento somente o medo e o desespero. Ao fazer contato com a faculdade a distância meu intuito era poder gerir uma nova profissão no qual eu pudesse trabalhar em um local que me desse estabilidade e segurança já que a minha profissão do momento era como profissional liberal, e isso seria possível ao meu ver nos concursos ou contratos nas prefeituras ou estado, com a mente embotada pelo medo eu não enxergava outras possibilidades além dessa e me lancei a fazer a inscrição no curso de artes que seria a distância, estudaria em casa.

As decepções começaram ao receber a primeira apostila, com uma grossura considerável e totalmente em preto e branco para minha frustração. Como assim estudar artes e não ver cor, como assim estudar em casa e não interagir com o outro, como se concentrar aos estudos estando completamente deprimida e isolada, essas foram os primeiros questionamentos que me vieram após aquela tarde ao receber do correio a apostila em preto e branco que seria a propulsora da minha aclamação ao sagrado, naquela tardinha quase chegando a noite eu peguei uma lata de cerveja e me sentei a beira da janela do meu apartamento e olhei pro céu, comecei um monólogo e falei de toda a minha dor com as lágrimas escorrendo, meu nome naqueles dias era auto piedade, as frustrações, os medos, a figura materna e do meu irmão deficiente auditivo estavam presente com uma carga de energia muito forte, além de minha dor eu carregava a dor que era deles, achando que poderia salvar a todos... Contato com o sagrado e minha oração: Eu preciso de algo que

possa me trazer alento, autoconhecimento, preciso de formação que me proporcione fortalecer minha alma, minha segurança... Preciso de um reencontro comigo, para que eu consiga dá a mão pra quem se tornou meu maior opressor, a mãe narcisista. Preciso de forças pra ajudar, e não sofrer ao ver meu irmão completamente robotizado e sem perspectivas na vida. A partir daí o universo começa a conspirar, e as sincronicidades aparecem quando eu no final da noite começo a pesquisar sobre alguns cursos, nunca havia ouvido falar de arteterapia, e ali estava um vídeo do Instituto Fênix na tela do meu computador, após assistir achei que era um curso em outro estado e assim que fiz pesquisas detalhadas vi que era no Centro de Vitória-Es para minha felicidade. No outro dia pela manhã já entrei em contato com alguém por telefone que ficou comigo uns trinta a quarenta minutos explicando sobre a arteterapia, só entendi muito depois o poder que essa formação tem e o empoderamento que ela vem me proporcionando, foi quando muito timidamente eu entrei na minha casa interna e comecei a arrumar as gavetas do meu armário, ainda tem coisas que estão fora do lugar mas a jornada começou naquele ano de 2014 quando eu fui conhecer o universo arteterapêutico e começar a minha jornada.

Hoje vejo como a magia se deu e se dá em minha vida, vivenciando meus processos ao mesmo tempo que estou entendendo, atendendo e estudando o universo da arteterapia.

Minha jornada de aspectos inconscientes no qual me causava frustração, negação e impossibilidades que pareciam eternas, agora já se manifestam em sonhos oníricos (Que faz referência aos sonhos; que pode estar relacionado com a essência dos sonhos; próprio dos pensamentos e ideias que aparecem durante o período do sono: condição onírica; devaneio onírico.) Apontando a integração das partes inconsciente e consciente, dentro desse esplendor da expressão criativa descortinando um imenso jardim orvalhado com um profundo céu azul e radiante sol. As cortinas se abrem e também já consigo abrir a porta e sair para fora, passear nesse jardim com mais frequência, já me valido quanto aos limites que posso transpassar ou voltar, eis que começa meu renascimento.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPITULO 1 – Arteterapia</b> .....	10
1.1 - Arteterapia: Percurso Histórico e Caracterização Histórico.....	11
1.2 - Função do Arteterapeuta.....	13
1.3 - Abordagem no Setting.....	14
1.4 - A Arteterapia e suas Linguagens Expressivas.....	16
1.5 - A Arteterapia em Diálogo com outros Saberes.....	22
1.6 – Psicologia Analítica.....	26
1.6.1 - Alguns Conceitos de Psicologia Analítica.....	30
1.6.2 - A Casa com Símbolo da Consciência.....	38
<b>CAPITULO 2 – O Processo Criativo na Pratica de Interiores</b> .....	41

2.1 – Metodologia.....	47
2.2 - Estudo do Caso – Cuidando da casa Interior.....	49
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO – Relato Pessoal.....</b>	<b>63</b>



## INTRODUÇÃO

A ponte para esse trabalho veio a partir da minha própria experiência familiar com a “casa”, casa como expectativa de lar e as experiências profissionais com as casas dos meus clientes e suas necessidades e conflitos. Cada um de nós absorve nossas bagagens a partir do que vivenciamos em casa, com nossos ante queridos e é nessa casa que simbolicamente acumulamos nosso conhecimento de vivências dentro de cada momento da vida, o que mudamos, o que trocamos, o que acumulamos, o que nos desfazemos, o que reformamos.

Foram abordados aqui no primeiro capítulo assuntos referente á Arteterapia e a seus percursos históricos e caracterizações históricas em seu inicio, a função do arteterapeuta e suas abordagens no setting terapêutico e a vasta possibilidade do uso das linguagens expressivas da arteterapia e o seu diálogo com outros saberes.

Ainda no primeiro capítulo foi pesquisado a abordagem da psicologia analítica e alguns do seus conceitos dentre elas psique, consciente e inconsciente, inconsciente pessoal e coletivo, símbolo, criança interior, self, individuação dentro outros. Foi bordado nessa pesquisa a casa como símbolo da consciência, do nosso espaço psíquico pessoal, da nossa psique segundo nosso querido Jung e sua trajetória na sua própria casa.

No capítulo dois a pesquisa evidenciou processo criativo na pratica do designer de interiores como profissão e a metodologia de trabalhar a casa como metáfora da construção da nossa vida.

A profissão de designer foi um agente compensador de criar “casas lares”, não sei se foi possível de fato atingir esse objetivo com a profissional de design creio que não, mas vejo a possibilidade intrínseca de fazer apontamentos para essas questões como arteterapeuta, trazendo os símbolos de casa e tudo que ali se constitui como uma abordagem dos processos psíquicos. A casa como lar pode nos direcionar para um local harmônico onde se respeite o “espaço” de cada um, tanto o espaço físico como o espaço emocional, nos libertando de esferas condicionantes e crenças limitantes que carregamos ao longo do tempo “**O lar é um espaço único**, onde nos desarmamos e vivemos de modo autêntico. Por isso, é essencial ter as necessidades atendidas nesse espaço para sermos felizes” segundo Angelita Scardua.

### 1.1 ARTETERAPIA: PERCURSO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO

#### HISTÓRICO

O uso de recursos artísticos com finalidades terapêuticas começa a ser incentivado no início do século XIX pelo médico alemão Johann Christian Reil, contemporâneo de Pinel. Este profissional estabeleceu um protocolo terapêutico, com finalidade de cura psiquiátrica, onde inclui o uso de desenhos, sons, textos para estabelecimentos de uma comunicação com conteúdos internos. Estudos posteriores traçaram relações entre Arte e Psiquiatria, sendo que um profissional que também utilizou o recurso da arte aplicada à psicopatologia foi Carl Jung, que passou a trabalhar com o fazer artístico, em forma de atividade criativa e integradora da personalidade.

No Brasil, são elencados os trabalhos desenvolvidos por Ulysses Pernambucano já no início do século XX, trabalho que estimulou a escrita da monografia de Sílvio Moura, apresentada em 1923 e intitulada como “Manifestações artísticas nos alienados”. Outro nome de importância é Osório César que desenvolveu sua prática e pesquisas no Hospital do Juquery, na cidade de Franco da Rocha-São Paulo. Publicou, em 1929, o livro “A expressão artística dos alienados”, onde propõe uma forma de compreender as produções artísticas destes indivíduos. No hospital é inaugurado oficialmente, a Oficina de Pintura em 1923 e a Escola Livre de Artes Plásticas em 1949.

Nise da Silveira, que, em seus trabalhos com doentes mentais, fez uso da arte com fins terapêuticos. Nise estudava as relações da arte com a loucura. Ela acreditava que as pessoas privadas da consciência, pela arte, conseguiam se expressar e se comunicar, o que lhes tocava a alma. Trabalhou no hospício da Praia Vermelha e no Centro Psiquiátrico Pedro II, e em vez de aplicar eletrochoques, remédios e colocá-los em camisas-de-força, ela pôs seus pacientes para pintar, desenhar, fazer teatro, modelar, etc. Fundou o Museu “Imagens do Inconsciente”. Nise da Silveira afirmava: “o que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito”. Complementando estas ideias, a importância do fazer artístico como forma de autoconhecimento é descrita por Pereira, que nos conta que:

Os primeiros registros da arte do homem datam da pré-história, objetos em pedra e madeira, esculturas e depois pinturas foram as manifestações encontradas. Assim, surgem imagens, os símbolos para expressar pensamentos e sentimentos diversos. Para entender o processo de simbolização, fruto da criatividade do homem, é necessário que se conheça um pouco da sua cultura, no tempo e espaço em que acontece (2008,

No estado do Espírito Santo, a Arteterapia foi introduzida e difundida pela arteterapeuta Glicia Manso Paganotto. Nos anos de 2001, 2002 e 2003 foram realizados workshops de Arteterapia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e em 2004 aconteceu o 6º Congresso Brasileiro de Arteterapia, também na UFES. Em agosto de 2001 foi criada a AARTES (Associação de Arteterapia do Espírito Santo). Atualmente através da Arteterapia utiliza-se a livre expressão como forma de promoção e prevenção da saúde não só em núcleos Arteterapêuticos, como também em clínicas, hospitais nas instituições da área da saúde do SUS, fazendo parte das PIC's (Práticas integrativas complementares). A UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia), que é órgão que regulamenta e dita os parâmetros da profissão segundo seu código de ética e credencia as associações de arteterapia no Brasil.

## 1.2 Função do Arteterapeuta

A função do arteterapeuta é auxiliar o indivíduo a explorar e conhecer seus sentimentos através da livre expressão. Não cabe ao arteterapeuta interpretar ou explicar a expressão simbólica do trabalho de livre expressão do cliente, mas ajudá-lo a descobrir e entender, a partir de reflexões, toda a simbologia contida nessas produções. Sendo assim, a função do arteterapeuta é a de um facilitador desse processo de comunicação entre consciente e inconsciente, utilizando, no trabalho arteterapêutico, múltiplos materiais para adequar-se à produção de cada indivíduo.

Arteterapeuta é o profissional que lança mão da livre expressão no processo terapêutico para acessar os códigos internos da pessoa atendida, facilitando e induzindo-o ao autoconhecimento. A formação do Arteterapeuta é feita através de especialização e é aberta a pessoas com graduação em qualquer área.

O Arteterapeuta “possui saberes sobre as funções da livre expressão, sobre os processos psicológicos que estão na base do funcionamento criativo e uma teoria da estrutura simbólica.” (PAIN, 1996, p. 21). O arteterapeuta deve ter conhecimentos na área da arte, pois precisa conhecer as técnicas e materiais que propõe ao seu atendido.

### 1.3 Abordagem no setting

Todas as culturas têm seus territórios sagrados, um espaço de proteção, calma e serenidade, nos quais os indivíduos podem realizar seus ritos de conexão com aquele que concebem como divindade. Locais para renovar as forças, espaço de reverenciar ancestrais, pedir proteção, inspiração e harmonia. Nesses territórios se reúnem símbolos que facilitam um processo de resgate de um chão original, uma verdadeira casa no sentido psíquico. O “setting” da arteterapia, com sua formatação de laboratório alquímico, recria, nos tempos atuais, o tão necessário território sagrado. Funciona como local de criação, de resgatar e expandir potencialidades adormecidas, de desvelar sentimentos, de compreender conteúdos inconscientes. Para que seja produtivo, este território simbólico precisa, em sua materialidade, oferecer algumas condições operacionais essenciais. Sua ambientação oferece inúmeras alternativas, mas algumas questões são básicas. A luz natural é uma delas, pois facilita o contato com as cores sem distorções, não sobrecarregando a visão. Outro fator refere-se ao chão e ao mobiliário, que devem ser funcionais, podendo ser limpos com facilidade, sendo o carpete e outras forrações semelhantes totalmente contra-indicadas. Quanto aos materiais pertinentes às múltiplas modalidades expressivas, é essencial ter o básico para as atividades plásticas usadas em arteterapia. Se acontece no processo de criação de um cliente em particular, a necessidade de um material que habitualmente não está no setting, pode-se combinar, de uma sessão para outra, como obtê-lo.

O trabalho em arteterapia pressupõe a possibilidade de armazenar as produções em processo e deve poder suportar receber manchas de tinta, pedaços de barro, aparas de papel, etc. O “setting” não deve permanecer sujo, mas certamente deve ser sujado durante o desenrolar das atividades. Por isso, chão com carpete, cadeiras forradas com tecido e móveis claros não são adequados. O setting de arteterapia funciona como um ateliê e, portanto, é pouco produtivo procurar pretender que esteja sempre impecavelmente organizado. Uma certa flexibilidade em tolerar a dinâmica do processo

criativo é útil, mas deixar o ateliê em permanente desarrumação não será produtivo. Deve-se incluir no processo terapêutico a tarefa de organizar o espaço com cada cliente individualmente, ou com os grupos ao final de cada atendimento, o que ajuda a manutenção do espaço sempre em condições de uso.

O “setting” arteterapêutico deve contar com uma atmosfera descontraída que, ao mesmo tempo, ofereça segurança e receptividade. Deve ser estimulador da experimentação expressiva, do comportamento criativo, de ousadias e inovações nos modos de ser. Por outro lado, deve conter múltiplos materiais, de modo a facilitar, através desta múltipla materialidade, a descoberta de trilhas de acesso ao inconsciente, singulares para cada indivíduo. A arteterapia procura evitar a rigidez teórica ou técnica que pode exercer um efeito inibidor inconsciente ao progresso criativo e à liberação expressiva do paciente. Parte-se do pressuposto que a atividade expressiva possui uma ordem oculta e que o intelecto (a função pensamento) também participa deste trabalho, de acordo com leis próprias de estética e harmonia, não havendo, por isso, a necessidade de exagerados “controles externos” no “setting” arteterapêutico.

O trabalho arteterapêutico compartilha a vida em seus movimentos de fuga e encontro, em suas mudanças e fluidez, e demanda flexibilidade para acompanhá-lo de forma adequada. Que o “setting” de arteterapia possa funcionar, então, como um território sagrado da criação, um espaço acolhedor e flexível no qual, em meio às asperezas do cotidiano, abrem-se trilhas de entrada num espaço mítico de autodescoberta, lugar de gestar-se em sonhos e projetos. Um temenos (*É uma palavra grega que significa lugar sagrado e protegido*) onde é possível criar e recriar o tempo, tal qual seria kairós (*É uma palavra de origem grega, que significa "momento certo" ou "oportuno", relativo a uma antiga noção que os gregos tinham do tempo. A noção de tempo representada pelo termo kairós teria surgido a partir de um personagem da mitologia grega*). Resgatando e construindo fontes de proteção e nutrição psíquica. E, então, neste tempo e espaço singulares, criações, criadores e criaturas vão poder dançar a dança de Shiva (*É um dos deuses supremos do hinduísmo, conhecido também como "o destruidor e regenerador" da energia vital; significa o "benéfico", aquele que faz o bem.*), celebrando o TODO CRIATIVO que assim, poderá viver e se multiplicar em arteterapeutas e atendidos.

Minha experiência com o atendimento em grupo e individual.

Percebo um afetar muito maior no atendimento individual, devido talvez a aproximação e identificação que geralmente as partes do outro toca em minha próprias projeções, assim

o atendimento individual me trouxe um cuidado maior com o meu corpo, como ele reage e sinaliza a necessidade de expressar minhas próprias baixas. O atendimento individual requer olhar mais aguçado, percepções e apontamentos mais objetivos já que estamos caminhando lado a lado com esse atendido e ele terá mais tempo pra suas expressividades.

No atendimento em grupo percebo que a energia se dissipa entre os vários atendidos que ali se encontram, a escuta no outro por mais intensa que seja traz um afetar mais brando e consciente. A experiência em grupo é muito significativa devido a interação das partes, suas partilhas, suas honestidades emocionais, a experiência de escutar o outro, e a experiência de falar e ao falar se ouvir. Cada escuta atenta nos remete ao nossos próprios apontamentos internos, e isso é uma experiência muito pessoal pelo qual acredito que todos passam, hoje percebo de forma consciente, presente. Mas ao escutar uns aos outros, percebo que muitos se apoiam, muitos choram, e ao contar a sua história falam que a fala de “fulano” e “cicrano” os fez lembrar de coisas do passado, do presente e de desejos futuros. O fenômeno acontece na experiência da expressividade conjunta e nas suas partilhas trazendo para cada um o significado intrínseco de que suas vivências de dor não são experiências únicas, e que ali eles não estão sozinhos, fazem parte de uma egrégora maior.

#### 1.4 A arteterapia e suas linguagens expressivas.

A forma natural da busca de equilíbrio ocorre por meio dos símbolos, que permeiam toda a relação psíquica. Os símbolos são os responsáveis pelo processo de transformação ou de passagem da energia psíquica entre inconsciente e a consciência – distribuindo-a de forma a “levá-la à atividade útil”. Por isso sempre que falamos em produções do inconsciente – sejam elas sonhos, produções artísticas, sintomas – falamos de seu significado simbólico, Os símbolos são uma formas de acessar o inconsciente.

A palavra símbolos tem sua origem no termo grego “symbolon” que significa marca, sinal de reconhecimento, contra-senha que está relacionado ao verbo grego symbállein que é colocar junto, fazer coincidir, juntar. O termo símbolo exprime a união de iguais que foram separados e que ao se encontrarem, se reconhecem tornando-se um. A função psíquica do símbolo é semelhante à expressa historicamente na cultura: reconhecer e unir. Assim o símbolo é uma ponte que aproxima o inconsciente e a consciência. Igualmente a uma ponte o símbolo possui um lado que fala a consciência e um lado repousa no

inconsciente, por isso um símbolo nunca é totalmente racional, dessa forma, não se pode racionaliza-lo dizendo “Este símbolo significa isso ou aquilo”. Quando se atribui um único significado ao símbolo ele se torna um sinal, algo próprio da consciência. A diferença entre símbolo e sinal está no fato de que “Um sinal sempre aponta para uma ideia consciente, um sinal é sempre menos do que a coisa quer significar, e um símbolo é sempre mais do que podemos entender a primeira vista. Por isso não nos detemos diante de um sinal, mas vamos ao objetivo para qual aponta; no caso do símbolo, porém, nós paramos porque ele promete sempre mais do que revela. Os símbolos surgem espontaneamente do inconsciente.

No processo arteterapêutico, a compreensão dos múltiplos significados contidos nos símbolos advém do trabalho criativo, plástico e expressivo que deve, sempre que possível, preceder a abordagem verbal ao mesmo.

A produção imagética é consequência de processos primários de elaboração psíquica, tendo assim, na maioria das vezes, a possibilidade de não passar pelo crivo da consciência e do controle egóico. Posteriormente, ao ser confrontada através da materialidade, poderá começar gradualmente a oferecer alguns, dentre seus múltiplos significados à consciência.

O leque representado por esta multiplicidade de informações é aberto pela transposição de linguagens plásticas e expressivas, em abordagem genericamente denominada: Amplificação Simbólica.

Assim, busca-se a compreensão dos significados da produção simbólica até que sejam apreendidos pela consciência, configurando o termino do processo de amplificação. Na maioria das vezes, será mais produtivo empregar uma diversidade de modalidade expressivas, e cada modalidade com seus caminhos peculiares de criação oferecerá trajeto de transformação específicos. No entanto, em algumas situações (mais raras), uma única linguagem expressiva será suficiente.

A energia consciente e inconsciente responde de diversas maneiras a uma “questão chave” que é proposta ao símbolo: “qual seu significado”, e cada modalidade expressiva oferece uma parcela de compreensão com uma característica própria e uma faceta distinta do objeto observado.

Esta questão poderá ser repetida através de uma infinidade de atividades plásticas e expressivas diferentes, quantas vezes sejam necessárias, para permitir o livre trânsito dos conteúdos inconsciente rumo a consciência, até que sejam compreendidos. Dentro do

modelo teórico Junguiano, o conjunto de ações realizadas com esta intenção será denominada “circum-ambulação”, ou seja, caminhar e movimentar-se em volta de um eixo constituído pelo símbolo.

Este símbolo, então poderá ser pesquisado através de uma infinidade de atividades plásticas e expressivas, sendo que em dado momento, o ciclo de apresentação dos significados simbólicos se completa. Este momento poderá ser reconhecido por sensações corporais, “insights” e eventualmente sentimentos de plenitude e bem-estar. A interação verbal entre arteterapeuta e atendido, nesta etapa do processo, poderá acontecer, facilitando a contextualização do campo simbólico no cotidiano da vida daquele indivíduo. (2009 p.16 Angela Philippini)

A energia simbólica bem desenvolvida integra linguagens plásticas e materiais expressivos diversos, e além desses instrumentos, um olhar atento ao “rastreamento cultural” na procura de pistas e registros de sentidos arquetípicos e universais do símbolo pesquisado em referência diversas: na cultura ancestral, em mitos, contos de fadas, lendas, fábulas, manifestações folclóricas, tradições religiosas e iniciáticas, história da arte e iconografias de diferentes povos. Pesquisa essa, complementada pelo olhar em manifestações culturais contemporâneas, tais como: fotografias, filmes, vídeos, documentários, extratos literários, notícias de diferentes mídias (jornal, TV, Internet) letras de música e iconografias contemporâneas. Outras mais como música, dramatização, pintura, expressão corporal, colagem, mosaico, desenho, modelagem e argilas e afins, construção, máscaras e etc. Assim, algumas linguagens e materiais estarão a serviço do desbloqueio, liberação de conteúdos inconscientes e fluência do processo criativo. Outras estarão favorecendo mais comunicação e a configuração das informações objetivas, enquanto outras permitem a saída do plano fugidio das ideias, sensações e emoções, para o campo concreto da densidade peso, volume e texturas. Combinar estas estratégias e complementá-las com outras, advindas de outras áreas de criação, além das artes Plásticas, é atividade complexa, que é auxiliada por observação intuitiva, mas é também exercício teórico e técnico, resultante do estudo e do conhecimento da natureza harmonizadora e organizadora do fazer artístico e de suas prioridades terapêuticas específicas, inerentes a cada materialidade e a cada linguagem plástica.

Especificidades: O que é próprio da arteterapia

E para além das palavras... O conceito do “*agir criativo*” como uma especificidade da Arteterapia. É quando compreendemos que **o agir criativo é objeto de nossa escuta,**

observação e manejo, uma gama de articulações teóricas são necessárias para instrumentalizar o arteterapeuta, o mesmo deve desenvolver, apurar e instrumentalizar sua escuta nas especificidades da sua prática e profissão.

A partir deste princípio, e abrindo essa série de articulações que se dá início cada proposta arteterapêutica, Ali, não mais há uma “atuação irresponsável”, uma repetição inócua em seu cotidiano, mas um agir através da criação e este será amparado pelo continente do setting arteterapêutico.

A maneira como o atendido lida com o material, quando ele tem dificuldade de iniciar seu trabalho, quando este trabalho fica vazio ou cheio, demasiadamente organizado e desorganizado, com cores intensas ou cores pastéis, se se debruça sobre ele ou o executa de forma rasa, seus movimentos corporais, suas sensações, são apenas alguns exemplos de quando o atendido repete-se durante o agir criativo.

O agir amparado pelo continente do setting arteterapêutico é uma especificidade da arteterapia dentre as técnicas. Desta forma, o setting se configura como um ambiente suportado pela transferência com o arteterapeuta para que o atendido vivencie-se no fazer. Que perceba-se em suas dificuldades e resistências e tenha a oportunidade de enfrentá-las. Que em meio a esta experiência ele possa tomar decisões sobre este enfrentamento (ou não) e que assim ele se responsabilize por ela e por si como autor e protagonista da sua obra, sua história. De toda forma, ao ouvirmos o relato angustiado “...Imagino que estou fazendo...” o sutil convite do arteterapeuta é apenas (apenas!) “Então vamos fazer?”

Conclui-se que cabe ao arteterapeuta atentar-se para o que o atendido manifesta em seu comportamentos repetitivos nas atividades, nós arteterapeutas devemos escutar, observar e manejar aquilo que nos é próprio como técnica de trabalho: o agir criativo e durante ele os comportamentos que se repetem, que tanto promovem a angústia naquele atendido que espera pela nossa escuta.

No meu estudo de caso com a atendida começamos a trabalhar com materiais de acordo com a metodologia abordada mais a baixo, e suas consignas, são esses os materiais:

O trabalho com o grafite se deu com o desenho que permitiu a atendida expressar seu cômodo, sua sala em um desenho de planta baixa, a casa como a linguagem da alma, o cômodo sala como um apontamento das inquietações do interior de si, com uma simbologia dos espaços externos da casa como lar e suas complexidades. O desenho conta a história, configura o símbolo e facilita a compreensão no nível da consciência

utilizando a configuração linear da imagem possibilitando a expressividade nos recursos gráficos, bem como nos elementos fundamentais do discurso visual, um “alfabeto” composto por: ponto, traços, luz, sombra, configurações, perspectivas, projeção, proporcionalidade e relações espaciais.

Trazendo o design de interiores como técnica na concepção e criação de ambientes desenhados em papel A4. A casa como representação de nossa psique, ou seja as várias instância da mente inconsciente e consciente. Sala: Como ambiente de recepção, acolhimento.

Grafite: Recurso gráfico mais simples, porém permite ampla gama de experimentações e variedade de diferentes intensidades de traço das mais claras as mais escuras.

Desenho: Uso, indicações e propriedades – Expressão conceitual através da forma, percepção espacial, percepção da luz sombra, delimitar e designar, expansão do movimento gráfico, delinear e configurar, objetividade, percepção de ponto-traço-linha- (alfabeto visual), coordenação psicomotora entre figura/fundo, coordenação viso-motora.

Colagens: Propicia um campo simbólico de infinitas possibilidades de estruturação, integração, organização espacial e descoberta de novas configurações. Uso, indicação e propriedade: Indicado para cronologia diversas, facilidade operacional, ordenadora, estruturadora, sintética, integradora, facilitadora do início do processo arteterapêutico.

Fotografia: Fotografias e suas reproduções, são registros, arquivos, pistas, partes, fragmentos de um “dicionário de emoções” com verbetes e ícones afetivos para indicar trilhas; expressar e reviver afetos. Uso, indicação e propriedades: Resgate de memórias afetivas, restauração do percurso biográfico, percepção da autoimagem, renovação e ampliação de um olhar estético, ponte para outras linguagens plásticas como pintura ou colagem, documentário.

Pinturas: Uso, indicação e propriedades-Facilidade operacional, ativar o fluxo criativo, facilitar a liberação de conteúdos inconscientes, desbloquear, experimentações sensorial e lúdicas de cor, experimentação com o inusitado (pigmentos líquidos) em movimento, dissolver (através das experiências de diluição com a cor), facilitador de inícios de processos em arteterapia, (expansão) abranger superfícies através da cor, percepção emocional das cores, experimentações com texturas e cromatismo.

Escrita Criativa: Uso, indicações e propriedades- Ordenação de temas, integração entre campo simbólico de imagens e palavras, fluência de comunicação, diálogo silencioso entre fragmentos de si mesmo, escrita como geradora de imagens plásticas, documentário de afetos, escrever para compreender, simplicidade emocional, acesso gradual a conteúdos inconscientes, escrita como desenho de sons internos ou externos, desbloqueio criativo.

Construção: Objetos terapêuticos, instalações e estrutura- Uso, indicação e propriedade: Edificar, reunir, integrar, compor, coordenar, equilibrar, edificar, construir, reconstruir, agregar.

Aqui posso referendar a casa como estrutura física, como uma edificação que nos conta muitas coisas, porque não dizer que é uma “caixa de self-box” no sentido amplo de nossas percepções no dia a dia, muito sobre nosso estado de espírito é dito pelo ambiente que nos cerca, sejam nossos lares, ambientes de trabalhos e lugares. A todo tempo somos influenciados pelo design perceptivo desses ambientes, somos modificados afetivamente no nosso modo de sentir pela forma que ele se apresenta, claro ou escuro, frio ou quente, colorido ou sem cor, limpo ou sujo, harmonioso ou entulhado, aberto ou fechado, livre trajeto ou com limites, proprietário ou inquilino. Assim o ambiente se comunica conosco e com o outro, o acolhendo ou afastando, nos libertando ou limitando dependendo do contexto que se dá, se pode fazer modificações no ambiente, pintar, colar, furar, transformar. Se esse ambiente me proporciona sensação de privacidade sentirei menos estresse e mais aconchego e tranquilidade, as texturas, cortinas, papéis de paredes, pisos, as cores das paredes, os móveis, os objetos e o paisagismo tudo isso influencia em como essa lar interage com quem ali vive, trazendo bem estar.

Philippini (2009) afirma que as mãos têm uma relação direta com a mente e através delas faz-se possível configurar, processar, ordenar e elaborar; que as mãos são instrumentos para en-formar, dá forma. Ao enformar toca se em afetos que nos proporciona In-formar, dá informação para a ação e ao informar propicia o poder da transformação. A referida autora ratifica ainda que em Arteterapia, através das mãos, traçam-se linhas, risca-se, é possível sentir-se texturas, temperaturas e pressões; através das mãos é possível ainda dar vida aos personagens, expressando afetos, desejos e emoções.

## 1.5 A arteterapia em diálogo com outros saberes

A Arteterapia dialoga com as teorias da psicologia Analítica, Gestalt-terapia, da terapia Reichiana nas terapias corporais dentre outras, aqui apontaremos estes três saberes.

Na psicologia analítica tem como precursor o psiquiatra Carl Gustav Jung, assim temos a questão simbólica que nos fornece a leitura de imagens, símbolos e sinais. E na questão arquetípica, ela nos fornece costumes, valores, ditados e cultura que se repetem culturalmente, seja num país, numa etnia ou grupo familiar. Dentro da questão arquetípica tem como foco o inconsciente coletivo. Processo de individuação (self), criança, adultos e velho sábio e suas infinitas abordagens simbólicas como esmiuçado no capítulo 2 de psicologia analítica.

Na Gestat-terapia, o precursor é Frederick Perls que propõe trabalhar-se a percepção (o todo e a parte, figura e fundo), trabalha-se também a questão fenomenologia (o que é visível e invisível). Tomada de consciência. Ter ciência, ter consciência e tomar atitude, no aqui e agora.

A gestald terapia é uma abordagem em psicoterapia, nascida da inter-relação de várias escolas filosóficas e teóricas, a partir da organização específica que seu criador, Frederick Perls, construiu. De fato, o modo peculiar de organização dos conceitos articula uma forma de conceber o ser humano, no qual o processo prevalece sobre o evento, a construção sobre o resultado.

A existência humana é definida em termos da relação estabelecida entre o campo organismo e meio, sendo impossível conceber o ser humano fora do contexto e do meio no qual ele está inserido, e das relações que estabelece a partir daí.

Consciência: para a Gestalt-terapia, o processo de conscientização é fundamental, pois é a partir dele que o indivíduo pode estabelecer contato de boa qualidade, responsabilizando-se por sua existência e assumindo plenamente seu potencial, que nada mais é que a auto realização. Nesse pensamento, convém resgatar o conceito de consciência em Gestalt-terapia; embora possamos encontrar as palavra “consciência” e “Conscientização” em sua explanação teórica, o termo awareness (embora não seja tradução exata), parece ser o mais adequado para definir o que é a tomada de consciência, ou a própria consciência, uma vez que, conforme mencionado acima, em Gestalt-terapia dificilmente encontramos conceitos absolutos, mas sim relacionais e funcionais. Pensando então em awareness como sinônimo de consciência (ainda que com restrições, conforme explicitado em sua definição) awareness é uma forma de

experienciar. É o processo de estar em vigilante contato com o evento mais importante com relação estabelecida entre o campo, organismo e meio, com pleno suporte sensório-motor-emocional-cognitivo-energético. Um contínuo de awareness, fluido e não interrompido, leva a uma descoberta, uma apreensão imediata da unidade óbvia de elementos isolados no campo. Através desse contato, novos “todos” são criados...(1984,p.29) , vejamos o que nos diz Perls.

Eu fiz da tomada de consciência o ponto central da minha abordagem, reconhecendo que a fenomenologia é o passo básico e indispensável no sentido de sabermos tudo que é possível saber. Sem consciência nada há; sem consciência há vazio. (1969, p.88) 2009, Ana Maria Kiyon.

Auto-regulação: há em todo organismo um princípio de auto-regulação ou homeostase, responsável pela satisfação de necessidade e de equilíbrio orgânico que decorre daí.

Aqui e agora: essa é a única possibilidade de existência, posto que ontem já foi, e o amanhã não chegou; mesmo que o indivíduo teça fantasias sobre o futuro, ou rememore o passado, isto está sendo feito aqui e agora, e tudo que há para saber está disponível neste momento. Pensar assim equivale a ficar com o aspecto fenomenológico de cada momento e quando isso não é possível, instala-se a ansiedade.

A prevalência do como sobre o porquê: em Gestalt-terapia o processo viver é valorizado, enquanto explicação, o motivo de determinado fato muitas vezes é desconsiderado sob o ponto de vista do autodesenvolvimento, uma vez que a explicação geralmente distancia a pessoa da emoção contida em determinado ato ou situação.

Figura e fundo o conceito de “Figura-Fundo”, que diz que “ao observarmos diversos fenômenos ao nosso redor (físico ou emocionais), tendemos a organizar esses dados de maneira a minimizar as diferenças e mudanças hierarquicamente, preservando um equilíbrio homeostático a sua unidade e integridade. A base deste fenômeno é nossa tendência a perceber uma figura contra o seu fundo. Esse fenômeno pode influenciar nossa tendência a ver configurações, mesmo quando os elementos individuais não mantêm qualquer relação com o composto que vemos; por exemplo, configurações nas nuvens, nas montanhas, etc.” Ou seja, nosso cérebro tem a tendência natural de organizar informações desconexas e fazer com que percebamos algo conhecido em elementos desconhecidos. 2009 Ana Maria Kiyon

O conteúdo relacional é o cerne da conexão entre Arteterapia e Gestalt-terapia. O teor terapêutico do uso da arte é afirmado justamente no processo de que a realidade convida, provoca o indivíduo em determinados pontos, a partir dos quais ele vai expressar sua subjetividade objetivamente. Assim, a partir da materialidade objetivada, vai ser novamente provocado e convidado a olhar e a significar, a dar sentido. A Gestalt-Terapia como uma abordagem calcada tanto em valores estéticos quanto em ideias psicológicas. A partir de então, passou-se a se atentar para a ressignificação da realidade que o processo expressivo permite, e sua contribuição para o encontro de significados e a criação de insight. Nesse sentido, assim como a Gestalt-Terapia, a Arteterapia fundamenta-se nas abordagens fenomenológica e existencialista, e coerente com isso, buscará trabalhar o reconhecimento da plasticidade na forma, a fim de estimular o indivíduo a encontrar os significados relevantes, possibilitando mudanças.

Na psicologia Reichiana trazida por Wilhelm Reich nas Terapias corporais, trata-se das questões corporais e psicossomáticas, a doença como caminho e o corpo como realidade objetiva. Reich acreditava que não é o que o paciente/atendido diz que é o mais importante mas sim o que ele comunica corporalmente, realizando uma leitura do que ele apresenta por gesto, postura e expressões sendo essas percepções mais significativas do que o discurso em si, pois exprimem o caráter, o modo de ver e sentir.

Reich descobriu que traços de caráter semelhantes produziam estruturas corporais semelhantes, mapeou então o corpo humano em sete segmentos ou anéis, aos quais chamou de segmentos da couraças.

São basicamente organizados nos níveis dos olhos, boca, pescoço, peito, diafragma, abdômen e pelve. De acordo com a leitura caracterológica diferentes anéis estão envolvidos, configurando diferentes posturas e arranjos psicológicos e corporais, que permite uma leitura dos traços de caráter da pessoa. Em suma, o caráter encontra a expressão de muitas maneiras, e não apenas na forma do corpo e no comportamento, mas também em tudo o que diz respeito as produções, qualquer que sejam elas, modelagens, desenhos, colagens ou pinturas etc. Cada indivíduo, de acordo com seu traço de caráter tem sua própria maneira de se expressar artisticamente.

O mapa corporal pode trazer como técnica uma apresentação expressiva do corpo do atendido em arteterapia, contribuindo como ferramenta de caminhos para informação e transformação evidenciando e estimulando a emergência de conteúdos simbólicos do ser. É

capaz de modificar a dinâmica no corpo e no psiquismo do ser humano, integrando a pessoa a sua totalidade.

Juntamente e para além, a arteterapia trabalha na autopercepção e na autoconsciência proporcionando a tomada da consciência das mudanças e transformações. Toda mudança física, corpórea tem uma correspondente psíquica e vice e versa que neste ponto a arteterapia trabalha na re-integração entre psique e corpo e na harmonização desta relação, para que se pense, sinta e aja em harmonia.

## 1.6 A Psicologia Analítica

Abordarei a Psicologia Analítica, pois minha pesquisa se dá basicamente dentro desse processo. Acredito que muitas pessoas tenham curiosidade de aspectos referentes à vida do criador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung, este homem que dedicou sua vida ao estudo desta psicologia, também denominada psicologia da profundidade. Foi ele o seu próprio campo de estudo, e não mediu esforços para fazer descobertas que certamente podem beneficiar indivíduos em todas as épocas. Pode-se denominá-lo como um destemido e corajoso desbravador da alma humana.

Carl Gustav Jung (1875 – 1961) foi um psiquiatra suíço que dedicou sua vida aos estudos dos fenômenos psíquicos e suas manifestações. Motivado por algo que justificasse sua existência, foi em busca de uma psicologia que considerasse o homem como uma totalidade e englobasse suas particularidades patológicas – numa visão de conjunto, incluindo o universo

Sua obra foi sendo desenvolvida ao longo de toda sua existência, foi baseada “na própria experiência com seres humanos, normais, neuróticos e psicóticos.” (FORDHAM, 1978, p.19). Como depoimento do próprio Jung (1998)

Minhas obras podem ser consideradas como estações de minha vida; constituem a expressão mesma do meu desenvolvimento interior, pois consagrar-se aos conteúdos do inconsciente que forma o homem e determina sua evolução, sua metamorfose. Minha vida é minha ação, meu trabalho consagrado ao espírito é minha vida; seria impossível separar um do outro. (p.94).

Desde pequeno se valia de sua criatividade. Por volta dos dez anos, devido a sua divisão interior, sua insegurança no vasto mundo, confeccionou uma pequena criatura, conforme relata:

Na extremidade (de uma régua) esculpi um homenzinho de cerca de seis centímetros de comprimento, com um “fraque, cartola e sapatos lustrosos”. Tingí-o com tinta preta, destaquei-o da régua e o pus no estojo, onde lhe preparava um pequeno leito. Fiz-lhe também um casaquinho com um retalho de lã. [...] Levei às escondidas o estojo com o homenzinho ao sótão [...] Sentia-me seguro e a sensação penosa de divisão interna desapareceu. (JUNG, 1998, p.32-33).

Bem mais tarde, já adulto, após o rompimento com Freud, vivenciou um período de desorientação e incerteza interior. Foi tomado por fantasias terríveis, seus sonhos o impressionavam, procurou uma causa para essa perturbação, mas não encontrou. Pensou, então: “Ignoro tudo a tal ponto que simplesmente farei o que me ocorrer. Abandonei-me assim, conscientemente, ao impulso do inconsciente.” (JUNG, 1998, p.154).

O que lhe veio foi uma lembrança da infância, quando construía casinhas, castelos e se utilizava de pedras naturais e terra argilosa. Uma certa emoção veio acompanhando essa lembrança e logo se viu falando:

“Ah, ah! disse a mim mesmo, aqui há vida! O garoto anda por perto e possui uma vida criativa que me falta. Mas como chegar a ela?” Parecia-me impossível que o homem adulto transpusesse a distância entre o presente e meu décimo primeiro ano de vida. Se eu quisesse, entretanto, restabelecer o contato com essa época de minha vida, só me restava voltar a ela acolhendo outra vez a criança que então se entregava aos brinquedos infantis. (JUNG, 1998, p.155).

Voltou a colecionar pedrinhas, a construir casinhas, castelos, uma cidade. Acolheu sua criança no ato de criar, e declarou:

“Brincava” até o momento em que os doentes começavam a chegar; à tarde, se meu trabalho tivesse terminado a tempo, voltava as construções. Com isso meus pensamentos se tornavam claros e conseguia apreender de modo mais preciso fantasias das quais até então tivera apenas um vago pressentimento. (JUNG, 1998, p.155).

Em sua vida, quando ocorreram situações deste tipo, declara Jung (1998) “sempre que me sentia bloqueado, em períodos posteriores, eu pintava ou esculpia uma pedra.” (p.155). Conforme constatou, o ato de criar potencializava suas tensões internas, agia como uma ação terapêutica a medida que ia dando materialidade às suas emoções:

Na medida em que conseguia traduzir as minhas emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas minhas emoções, eu readquiri a paz interior. Se tivesse permanecido no plano da emoção, possivelmente eu teria sido dilacerado pelos conteúdos do inconsciente. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por detrás das emoções. (JUNG, 1998, p.158).

Jung utilizou a arte como uma boa companheira, embora não chamasse de arte e, sim, de natureza, como mostra este diálogo:

Cheio de resistências, expliquei, energicamente,

àquela voz que minhas fantasias nada tinham a ver com arte. Ela calou-se então, e continuei a escrever. Mas pouco depois ela voltou ao ataque, repetindo a mesma afirmação: “O que fazes é arte”. Protestei novamente: “Não, não é arte; pelo contrário, é natureza. (ibidem, p.165).

Conforme registrado em sua autobiografia – Memórias, Sonhos e Reflexões, dedicou-se a vários estudos, dentre eles, filosofia, paleontologia, arqueologia e muito especialmente aos símbolos, à mitologia e à alquimia. Como também se dedicou aos sonhos, por considerá-los como auto descrições da vida psíquica. Realizou várias viagens para conhecer o povo e a cultura, era poliglota. Fez várias conferências na Europa e América. Seu interesse pelas diversas culturas e civilizações, pelas artes, pela simbologia, pelo espiritualismo, pela religião, pela natureza, pelas fantasias dos seus pacientes e as suas próprias, se devem à busca de compreensão e de sentido em relação à existência. Ou seja, procurava analogias entre o mundo interior e suas respectivas manifestações tanto no mundo exterior quanto no próprio mundo interior, que o levassem a um significado maior, que concebesse o homem como um todo. Deixou uma obra vasta, a qual nomeou de Psicologia Analítica, sendo o processo de individuação o eixo de toda a sua teoria, conforme declara:

Ocupando-me assiduamente das minhas fantasias, tais pesquisas fizeram pressentir que o inconsciente se transforma ou provoca transformações. Só descobrindo a alquimia compreendi claramente que o inconsciente é um processo e que as relações do ego com os conteúdos do inconsciente desencadeiam um desenvolvimento ou uma verdadeira metamorfose da psique. [...] Mediante o estudo das evoluções individuais e coletivas, e mediante a compreensão da simbologia alquimista cheguei ao conceito básico de toda a minha psicologia, o “processo de individuação”. (JUNG, 1998, p.184).

### 1.6.1 Alguns Conceitos de Psicologia Analítica

Como já colocado anteriormente, embora Jung concebesse o homem de maneira holística, seu olhar, durante todo o desenvolvimento de sua teoria, se voltava mais para os acontecimentos internos do que externos. O que significa dizer que desenvolveu sua teoria descrevendo as experiências internas. Sua obra foi um testemunho de suas observações, tinha o interesse de uma compreensão dos seres humanos e não o interesse de formular apenas uma teoria. A cada descoberta procurava uma associação com o todo. Seguindo essa trajetória, chegou ao conceito de Psique que, em psicologia analítica, é o nome dado à personalidade como um todo. Ou seja, “é a totalidade de todos os processos psicológicos, tanto conscientes quanto inconscientes.” (SHARP, 1997, p.131). O consciente é o que o indivíduo conhece de si, cujo centro é o ego. A consciência é a “função ou atividade que mantém a relação entre os conteúdos psíquicos e o ego.” (SHARP, 1997, p.48). Mas a consciência individual tem por base e origem o inconsciente:

A consciência não se cria a si mesma; emana de profundezas desconhecidas. Desperta gradualmente na infância e durante toda a vida desperta, a cada manhã [...] Não é apenas influenciada pelo inconsciente, mas emerge dele continuamente, sob a forma de inumeráveis ideias espontâneas e de repentinos lampejos de pensamento. (JUNG apud SHARP, 1997, p.43).

O inconsciente compreende o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Sendo que, o inconsciente pessoal, segundo Jung.

Contém memórias perdidas, ideias dolorosas que são reprimidas (isto é, esquecidas de propósito), percepções subliminares

(aquelas percepções dos sentidos que não são suficientemente fortes a ponto de atingir a consciência) e, finalmente, conteúdos que ainda não estão maduros para a consciência.” (apud SHARP, 1997, p.90).

Por inconsciente coletivo, entenda-se o que cada ser humano traz como uma herança da evolução da humanidade. O inconsciente coletivo teve origem na teoria junguiana, a partir da presença de fenômenos psicológicos que não possuíam uma explicação com base nas experiências passadas da pessoa. Seu conteúdo, “parece consistir em motivos mitológicos ou imagens primordiais [...] Na verdade, toda a mitologia poderia ser entendida como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo.” (JUNG apud SHARP, 1997, p.89). À medida que o indivíduo se torna mais consciente dos conteúdos de seu inconsciente pessoal, sua personalidade também se expande, pois as imagens e os motivos do inconsciente coletivo também se revelam. Ou seja,

Surge uma consciência que não é mais presa ao egóico mundo mesquinho, supersensitivo e personalista, mas que participa amplamente do mundo maior dos interesses objetivos [...], que leva o indivíduo a uma comunhão absoluta, compromissada e indissociável com o mundo em geral. (JUNG apud SHARP, 1997, p.90).

O Self é o centro regulador da psique e também “a circunferência total, que abarca tanto o consciente quanto o inconsciente; é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência.” (JUNG apud SHARP, 1997, p.142). Para chegar a esses conceitos, Jung desenvolveu um intenso trabalho que teve início na clínica psiquiátrica de Burgholzle da Universidade de Zurique. A partir de suas experiências com testes de associação de palavras, aplicados nos pacientes, chegou ao conceito de complexo. O teste consistia “em dar ao paciente, uma a uma, centenas de palavras indutoras, e em anotar para cada uma, as palavras evocadas, assim como os tempos e modalidades de

reação.” (HUMBERT, 1985, p.13). Ele observou a variação nas reações e no tempo destas, “os tempo de reação variam muito, ora são breves, ora longos. O examinando em vez de responder por uma só palavra indutora, hesita, ri, reage pela mesma palavra a diferentes palavras indutoras, enrubesce, transpira, etc.” (SILVEIRA, 1974, p.31). Jung concluiu que essas perturbações se davam devido à palavra indutora ter tocado ou alcançado algum conteúdo emocional e, por isso, naquele momento, tomavam conta do ego. A esses conteúdos emocionais, de forte carga afetiva, deu o nome de “complexos afetivos ou, simplesmente, complexo.” (SILVEIRA, 1974, p.31).

O mesmo teste de associação de palavras, quando aplicado a psicóticos, cujo psiquismo já se encontrava com suas funções todas distorcidas, mostrava uma impossibilidade em praticá-lo. Jung, então:

Passou a empregar como palavras indutoras precisamente os neologismos e estereotípias verbais dos doentes. [...] Consegui descobrir nos dementes precoces (esquizofrênicos) complexos semelhantes aos que são encontrados em neuróticos e mesmo em indivíduos normais. (SILVEIRA, 1974, p.33).

Dessa experiência com os esquizofrênicos, concluiu:

Na demência precoce não há sintoma que seja desprovido de base psicológica e significação. Mesmo as mais absurdas de suas

manifestações são símbolos de pensamentos que não só podem ser compreendidos em termos humanos mas que também existem dentro de cada homem. (JUNG apud SILVEIRA, 1974, p.33).

As experiências sobre os complexos o levam a admitir a existência do inconsciente: “ficava assim demonstrada experimentalmente a existência do psiquismo inconsciente.” (SILVEIRA, 1974, p.31). Os complexos agem de forma independente, interferem de maneira incompatível com a vida consciente e se manifestam por lapsos, situações contraditórias, memória perturbada. Sendo a causa mais comum de sua origem “o conflito [...] também choques e traumas emocionais por si sós, ser responsáveis pela sua formação.” (SILVEIRA, 1974, p.37). Portanto, os complexos vão se formando a partir das experiências externas e internas de cada pessoa. Jung (apud Silveira, 1974) define complexo como: “a imagem de situações psíquicas fortemente carregadas de emoção e incompatíveis com a atitude e a atmosfera consciente habituais. Esta imagem é dotada de forte coesão interna, de uma espécie de totalidade própria de um grau relativamente elevado de autonomia.” (p.38). As experiências vividas por cada indivíduo vão se tornando parte dos conteúdos de seu inconsciente pessoal, ou seja, os complexos constituem “a maior parte dos conteúdos do inconsciente pessoal.” (SILVEIRA, 1974, p.38). Mas Jung também observou a presença de complexos de outra natureza: “complexos que seriam ‘manifestações vitais’ da psique, feixe de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.” (SILVEIRA, 1974, p.38). Por conseguinte, o conforto subjetivo de cada indivíduo, ou seja, seu bem estar ou seu mal estar depende dos complexos. Jung, em sua psicologia, não considerou os complexos, por essência, como elementos patológicos.

Significam que existe algo conflitivo e inassimilado - talvez um obstáculo mas também um estímulo para maiores esforços e assim podem vir a ser uma abertura para novas possibilidades de realização.” (JUNG apud SILVEIRA, 1974,

Assim, os complexos, que na maioria das vezes são vistos só como algo negativo, “poderão desempenhar uma função positiva. Tornam-se patológicos quando sugam para si quantidades excessivas de energia psíquica.” (SILVEIRA, 1974, p.36). Para o indivíduo que busca se conhecer, necessário “será trazer à consciência os complexos inconscientes.” (SILVEIRA, 1974, p.36). Sempre introduzindo novos desenvolvimentos à sua teoria, Jung constatou características bem reconhecíveis em determinados tipos de complexos, como complexo materno, complexo paterno, complexo de inferioridade e outros. O que o levou a admitir a existência de bases típicas sobre as quais repousassem os complexos, conforme coloca Silveira (1974):

Tais bases seriam os arquétipos, isto é, os alicerces da vida psíquica comuns a todos os humanos. Visto nesta perspectiva, por traz de suas características exclusivamente pessoais, o complexo mostraria conexões com os arquétipos, ou seja, haveria sempre uma ligação entre as vivências individuais e as grandes experiências da humanidade. (p.38).

Portanto, o homem nasce com potenciais a serem desenvolvidos, incluindo a capacidade de formar sua personalidade como própria à sua pessoa. Jung denominou de arquétipo esse potencial do ser humano. Os potenciais ou as potencialidades vão sendo desenvolvidos a partir das vivências de cada pessoa. Através dessas experiências é que se torna possível o desenvolvimento das respectivas potencialidades e a revelação do coletivo pertencente à toda humanidade. Assim, os complexos, como agrupamentos de conteúdos carregados de afetividade, são originados a partir do que cada pessoa vivencia de prazeres e dores, e também vão constelando determinados arquétipos. Por exemplo: “sob a trama do complexo mãe, com suas múltiplas implicações individuais, vislumbra-se o arquétipo mãe.” (SILVEIRA, 1974, p.38). Complementando com Jung (2006), “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica

através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta.” (p.17). Por conseguinte, o arquétipo é concebido sob o ponto de vista simbólico, uma vez que o acesso a ele se dá através de seus efeitos. Os efeitos se manifestam pelas imagens e pelas emoções que elas causam no indivíduo. Uma vez que a psique se utiliza de imagens para se manifestar, os símbolos são um meio para estabelecer o contato da consciência com os complexos e arquétipos. O símbolo é, então, o elo de ligação entre o consciente e inconsciente.

De acordo com Jung (1986), “a personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher seu próprio caminho, de maneira consciente e moral.” (p.179). Ele afirma que o processo de individuação se dá durante toda a existência do indivíduo e, talvez, não termine nunca. E chega a seguinte conclusão: “A personalidade, no sentido da realização total de nosso ser, é um ideal inatingível. O fato de não ser atingível não é uma razão a se opor a um ideal, pois os ideais são apenas os indicadores do caminho e não as metas visadas.” (p.178). Deduz-se, então, que a individuação é uma eterna busca de viver com significado. O que, sem dúvida, equivale a dizer: trabalhar, durante toda a vida, numa árdua tarefa. Mas será que vale a pena? Essa é a resposta que Jung dá por intermédio de Nise da Silveira (1974):

Aqueles que não se diferenciam permanecem obscuramente envolvidos numa trama de projeções, confundem-se, fusionam-se com outros e deste modo são levados a agir em desacordo consigo, com o plano básico inato de seu próprio ser. E é este “desacordo consigo mesmo que constitui fundamentalmente o estado neurótico”. Prossegue Jung: “A libertação deste estado só sobreviverá quando se pode existir e agir de conformidade com aquilo que é sentido como sendo a própria verdadeira natureza”. Este sentimento será de início nebuloso e incerto mas, à medida que evolui o processo de individuação, fortalece-se e afirma-se claramente. Então o homem poderá dizer, ainda que em meio a dificuldades externas e internas, ainda reconhecendo que

nenhuma carga é tão pesada quanto suportar a si mesmo: "Tal como sou assim eu ajo.". (p.101)

O alvo da vida, para Jung, é a individuação. Vivenciando-a como o propósito de sua própria jornada e acompanhando seus analisandos, percebeu o desenvolvimento da personalidade deles e constatou que a rota se mostrava semelhante às suas próprias experiências internas. Ou seja, progredia em direção a um centro – o si-mesmo. Assim se deu o desenvolvimento de sua personalidade.

Assim, pois as coisas foram o que tinham de ser; pois foram o que foram porque eu sou como sou. Muitas coisas, muitas circunstâncias foram provocadas intencionalmente, mas nem sempre representaram uma vantagem para mim. Em sua maioria dependeram do destino. [...] Sei apenas que nasci e que existo; experimento o sentimento de ser levado pelas coisas. Existo à base de algo que não conheço. Apesar de toda a incerteza, sinto a solidez do que existe e a continuidade do meu ser, tal como sou. [...] a vida tem e não tem sentido, ou então possui e não possui significado. Espero ansiosamente que o sentido prevaleça e ganhe a batalha. (JUNG, 1998, p.309-310).

Para Jung o símbolo da criança traz em si a ideia de potencialidade, de realização da potência. Em A Psicologia do Arquétipo da Criança, ele descreve os poderosos atributos da criança simbólica.

É uma personificação de forças vitais, que vão além do alcance limitado da nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. (Jung, Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. pag. 171).

A criança simboliza a união dos opostos, a síntese, a integração de conteúdos inconscientes. É um símbolo que interliga o passado e o futuro, o frágil e o poderoso, o tolo e o sábio... O arquétipo da criança tem, portanto, um efeito redentor, capaz de compensar ou corrigir as inevitáveis unilateralidades ou extravagâncias da consciência. Quando emerge num adulto, por exemplo num sonho, anuncia o nascimento de uma nova consciência, que contém a chave para abrir a porta de saída de um conflito, com o qual a mente consciente unilateral não estava sabendo lidar.

Carl Gustav Jung nasceu em 1875 na Suíça e faleceu em 1961, aos 85 anos de idade, então reconhecido como um dos maiores pensadores do século XX. Em 1900 graduou-se com honras em medicina e foi trabalhar como Assistente no Hospital Burgholzli de Zurique com Eugen Bleuler - famoso psiquiatra que o convida para integrar sua equipe de pesquisa. Jung rapidamente destacou-se na psiquiatria e passa a escrever artigos científicos de grande repercussão.

### 1.6.2 A casa como símbolo da consciência

Elas são um símbolo de nosso espaço psíquico pessoal, da nossa psique. A fachada da casa simboliza a persona, a máscara que o indivíduo usa em sociedade; o telhado simboliza a cabeça, a sede da consciência; o andar de baixo está relacionado ao inconsciente e aos instintos; a cozinha é o local onde se processam as transformações, o equivalente ao laboratório alquímico. Elas aparecem então em sonhos como símbolos da própria psique uma vez que elas podem ser consideradas como sendo um estado psíquico.

Ou seja, as várias instâncias da nossa mente consciente e inconsciente. Nesse sentido a casa, assim como a mente, expressa o conteúdo cognitivo e emocional que nos constitui como indivíduos distintos do grupo. Psicologicamente falando, isso faz da casa um repositório das nossas vivências físicas, afetivas e intelectuais. A nossa memória, nossa história de vida, encontra no espaço doméstico um lugar favorável de expressão. Em função disso, a forma como organizamos nossa casa pode dizer muito sobre como nos sentimos, como pensamos e como atuamos no mundo. A casa seria quase um espelho da percepção que temos de nós e do mundo num determinado momento da nossa vida. Ao mesmo tempo, a casa oferece pistas valiosas dos valores e crenças que nos caracterizam num nível mais profundo, melhor dizendo, o espaço que habitamos espelha tanto nossos comportamentos atuais quanto traços mais permanentes da nossa personalidade. Por ser parte tão significativa daquilo que nos distingue dos demais – nossas crenças, atitudes e valores – a casa pode oferecer um espaço de reconhecimento da nossa identidade, em especial para nós mesmos. A rua, a escola, os ambientes de trabalho e de lazer, de forma geral, são pensados para acolher a diversidade de tipos humanos. Nos espaços públicos pode ser favorecida a distinção grupal – como os “territórios urbanos” que são frequentados por uma determinada tribo – mas, de forma alguma, é favorecida a distinção pessoal. Sendo assim, boa parte do nosso tempo passamos em locais que não nos pertencem, que não são caracterizados pela marca da nossa identidade pessoal. (Angelita Scardua)

Em sua casa de pedra de Bollingen, à beira do Lago Zurique, Jung vivenciava plenamente a natureza: fora e dentro de si. Essa segunda residência era, para ele, uma Ilha de Paz, onde conseguia se afastar da ruidosa cidade, como escreveu em carta a J. Wesley Neal, em 1952. Era, mais do que isso, a representação em pedra de seus “mais íntimos pensamentos e dos conhecimentos que tinha adquirido”, como lemos em suas memórias.

Embora tenha visto florescer uma revolução tecnológica, Jung procurou reproduzir, naquela casa, o clima de uma época remota – em honra a seus antepassados e para cultivar um modo de vida simples, o que ele considerava difícil. Na vizinhança de Bollingen, ele era visto como um mero sitiante. De fato, segundo a psiquiatra Nise da Silveira, o Pai da Psicologia Analítica tinha uma gargalhada de camponês sadio, talvez reflexo de sua origem rural.

Yechezkel Kluger, analista junguiano que esteve em Bollingen, relata em entrevista a Erel Shalit como o dono de um restaurante da região ficara surpreso ao saber da magnitude

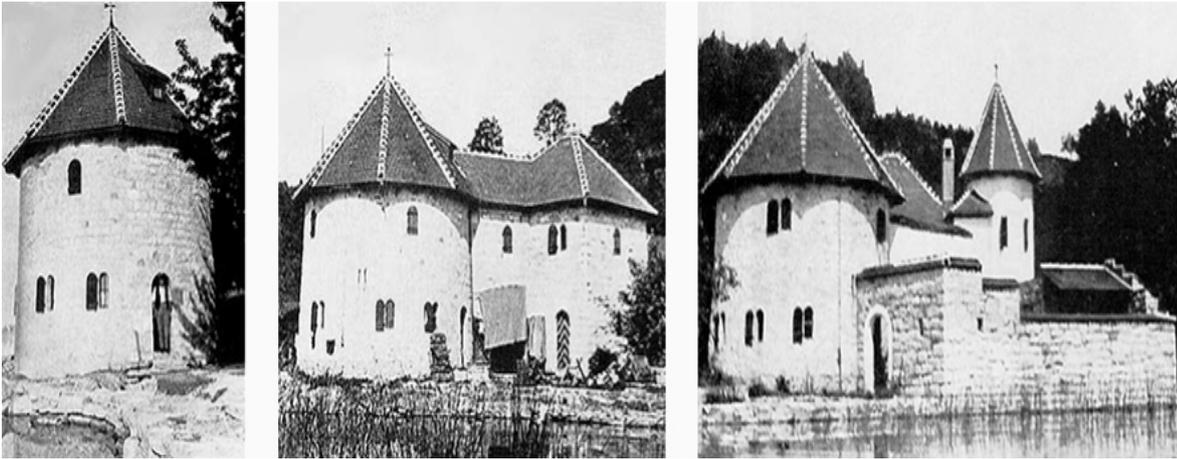
daquele seu cliente habitual, que sentava com ele nos degraus da adega para degustar vinho. Na mesma entrevista, Gusti Dreyfuss recorda que o próprio Jung contava que um vizinho, ao vê-lo brincar com a água como criança, fez sinal para a filha, indicando que era louco.

O grande mitólogo Joseph Campbell e sua esposa também estiveram em Bollingen, tomando chá com Jung e sua esposa, Emma. Campbell relata, em “A Jornada do Herói”, que Jung era um anfitrião encantador, sem formalidades. “Era uma pessoa maravilhosa de estar junto”, disse o estudioso.

Na velhice, Jung passava em sua casa do lago cerca de metade do ano, trabalhando e descansando. Mas a primeira parte da residência ficou pronta em 1923, quando Jung ainda contava 48 anos e por lá praticava esportes náuticos.

A primeira obra, na qual ele pessoalmente trabalhou, resultou numa construção circular de dois andares. “Uma vez construída, vi que se tornara uma habitação em forma de torre”, revelou Jung em “Memórias, Sonhos e Reflexões”. Ele ainda acrescentou que era como uma morada materna. A construção havia começado dois meses após a morte de sua mãe.

Em 1927, Jung acrescentou uma construção central, com um anexo em forma de torre também. Em 1931, como achasse que a edificação estivesse muito primitiva, reconstruiu a segunda torre, onde reservou um aposento exclusivamente para si, o qual descreveu como um lugar de reflexão, imaginação e concentração espiritual. Desejando um espaço aberto para o céu, ele acrescentou, em 1935, um pátio e uma *lógia* ou *loggia* (É um elemento arquitetônico aberto inteiramente ou em um dos lados como uma galeria, um local coberto e, normalmente sustentando por colunas e arcos). Agora, após 12 anos, a residência era composta por quatro partes – uma quaternidade, símbolo da totalidade psíquica.



Mesmo assim, ela não estava pronta. Após a morte de sua esposa, em 1955, Jung sentiu que era hora de tornar-se ele mesmo. A parte central da residência de Bollingen era baixa e presa entre duas torres, uma representação do Eu de Jung, que, como coloca Maria Helena M. Guerra em sua análise do Livro Vermelho, antes fora ligado a Emma e a Toni Wolff (com quem Jung teve um relacionamento amoroso por muitos anos, falecida em 1953). Mais maduro e de consciência ampliada, avançado em seu caminho de individuação, Jung agora podia acrescentar um andar a essa parte da casa.

## **CAPITULO 2**

O processo criativo na pratica do designer de interiores

A decoração, no Brasil, surgiu por volta da década de 30 com Henrique Liberal; até então, as casas eram somente “mobiadas” a sala de visitas utilizada somente em dias de festas, os dormitórios tinham como função única e exclusiva o “dormir” e a cozinha funcionava de modo diverso.

Juntamente com seu irmão se tornaram os pioneiros na decoração no Brasil, Antônio e Liberal revolucionaram todas as normas de como ambientar uma casa, lançando ideias novas, diferente e criativas trazidas de Paris.

Suas decorações baseavam-se no fato de que não basta saber combinar cores e objetos, o importante são os detalhes. A sua noção principal era que tudo tem importância num conjunto decorado, o móvel, a cortina, a luz.

Muitas variáveis influenciam um projeto de interiores na busca de soluções criativas, técnicas e esteticamente atraentes que resultam em qualidade de vida, bem-estar e cultura para os usuários do ambiente. A mais importante refere-se à natureza do uso do espaço: moradia, trabalho, lazer, estudo, entre outros.

Um projeto de interiores deve considerar a estrutura do edifício, a localização, o respeito ao meio ambiente, o contexto social e legal do uso do espaço. A concepção exige uma metodologia sistemática e coordenada que inclui pesquisa e levantamento das necessidades do cliente e sua adequação às soluções estruturais, de sistemas e produtos.

Assim, o conceito de Design de Interiores é, numa acepção mais ampla, significa o planejamento, a organização, a decoração e a composição do layout espacial de mobiliário, equipamentos, acessórios, objetos de arte, etc., dispostos em espaços internos habitacionais, de trabalho, cultura, lazer e outros semelhantes, como veículos aéreos, marítimos e terrestres – aviões, navios, trens, ônibus e automóveis, por exemplo.” (GOMES FILHO, 2006)

O Design de Interiores enquadra-se o conceito de design compositivo. O que significa que, qualquer que seja o tipo de planejamento, projeto ou de tratamento para a organização do interior de um ambiente, o designer vai trabalhar predominantemente com a escolha e a especificação de produtos – sejam eles funcionais, informacionais, de arte ou decorativos.

O designer de interiores planeja e organiza os espaços, escolhendo e combinando os diversos elementos de um ambiente. Estabelece relações estéticas e funcionais, em relação ao que se pretende produzir. Harmoniza em um determinado espaço, móveis, objetos e acessórios, como cortinas e tapetes, procurando conciliar conforto, praticidade e beleza. Escolhe as cores, materiais, acabamentos e iluminação, utilizando tudo de acordo com o ambiente e adequando o projeto às necessidades, ao gosto e à "disponibilidade" financeira do cliente, podendo assim o projeto ser readequado ao longo da assessoria.

Administra o projeto de decoração, estabelece cronogramas, fixa prazos, define orçamentos e coordena o trabalho de pedreiros, marceneiros, gesseiros, pintores, eletricitas e outros profissionais. Pode projetar ambientes residenciais, comerciais ou espaços em locais públicos. Esse profissional costuma trabalhar como autônomo, montando seu próprio escritório, mas pode atuar também em escritórios de arquitetura,

empresas especializadas em decoração e design de interiores ou, ainda, como consultor em lojas de móveis.

Muito já se falou sobre reformas de ambientes e adaptações em espaços de convivência, sejam eles residenciais ou comerciais, sem ao menos dar o devido valor à humanização, isto é, espaços que proporcionem qualidade de vida, de bem estar, aumentando as relações de convivência humana. Não só satisfazendo, de acordo com seus usuários, determinados aspectos estéticos ou ideias de beleza, mas envolvendo também valores sociais e culturais, desenvolvimentos tecnológicos, aspectos psicológicos e ambientais, que os tornem mais “humanos”, possibilitando a convivência e a harmonia entre cliente e profissional.

Estes conceitos estão intimamente relacionados com a concepção dos espaços e a dimensão humana. Muitas destas “mudanças” ou reformas de ambientes adotam valores pré-concebidos das relações humanas, e continuam a definir espaços aplicando “moldes pré-concebidos”, sem mesmo questionar sua influência e domínio na vida das pessoas que ali desenvolvem suas atividades, sejam elas de trabalho, lazer ou descanso. As reais necessidades individuais, hábitos específicos, aspectos culturais e sociais destas pessoas, são simplesmente descartados, para dar lugar a uma “fórmula pronta de ambiente”. Muitas vezes um ambiente personalizado é interpretado apenas em um patamar meramente estético; não correspondendo satisfatoriamente com um modo de vida singular, os hábitos e aspectos sociais específicos; não levando em conta o bem estar ou a convivência das pessoas. Nestes casos, a aparência é levada como o princípio e o fim da concepção espacial.

É tempo de repensar e conceber os locais de convívio do homem em função de valores sociais e culturais, necessidades e hábitos específicos. Uma grande parte dos intelectuais de nossa época, defendem a ideia de que a humanização do design tem de ser a missão fundamental da Arquitetura no século XXI.

O ambiente é uma extensão do ser humano na sua forma de habitar, trabalhar, conviver e viver. Sob esta ótica, não meramente estética, pessoa e ambiente são unos e, portanto, não podem ser pensados separadamente. Os projetos arquitetônicos e de design de interiores precisam levar em consideração a vida humana.

Exemplificando de forma simples, quem não conhece aquele projeto que propõe uma sala de jantar que é raramente utilizada, em uma área generosa da residência, enquanto a família se “espreme” em uma sala íntima, para ver diariamente seu programa favorito.

Adota-se muitas vezes, sem a menor hesitação, um “molde pré-concebido”, sem se quer pensar, se a sala de jantar pode continuar desfrutando de tamanha dimensão em relação aos demais ambientes, ou ter prioridade em relação aos hábitos da família em questão.

Durante sua história moderna, o homem foi levado a crer que a chave “do bem estar” estava nas reformas exteriores. A consequência desta ênfase exagerada no exterior foi a negligência - até o esquecimento total - das atividades interiores do homem, da necessidade de refrear algumas ações mentais e estimular outras. A tarefa mais angustiante e aflitiva do homem, hoje, é a valorização da vida e do convívio humano. Precisamos de um novo estágio do pensamento, um modelo baseado em princípios de humanização.

A modernidade fez com que as necessidades mudassem, e hoje, encontramos áreas bem mais restritas, pois o custo da construção tornou-se inviável. Existe uma sobreposição de funções junto a determinados ambientes, sala de estar é sala de visitas e, as vezes home theater. O número de eletrodomésticos triplicou, e a adequação dos mesmos às diminutas cozinhas atuais, origina soluções as mais criativas.

A área íntima ficou muitíssima reduzida, os dormitórios servem para dormir estudar e ler. Como a área social ficou devassada e compõe-se, na maioria das vezes, de um grande espaço onde tudo acontece, a privacidade vai ser encontrada nos dormitórios e banheiros; talvez o banheiro seja, hoje, o único lugar da casa onde você possa pensar sozinho. A visão do banheiro atual sugere muito conforto: o número deles, por habitante da casa, cresceu muito.

As concepções de planta baixa hoje evoluem com as necessidades do homem e do mercado, elas tem características regionais e, em geral, recebem acabamentos neutros, onde a criatividade pode transgredir posteriormente.

Grande crítica pode ser feita ao processo construtivo atual, onde o lucro é ponto básico. Inúmeras são as situações onde a intervenção posterior se faz necessária em detalhes que poderiam ser executados anteriormente e não foram por pura economia. Isso acarreta um gasto maior para aquele que, inconformado, opte pela resolução do problema.

Atualmente percebemos que não são muitos, os projetos que se revelam “de dentro para fora”; priorizando essas noções relacionadas à qualidade de vida e bem estar do homem; abordadas aqui de forma sintética. Nelas devemos basear a concepção de projetos; em princípios básicos do ser humano, com a naturalidade que nos protege da artificialidade.

Neste sentido cabe a nós, educadores e profissionais da área, a tarefa de alertar.

Acredito que a formação do Designer de Interiores, da teoria à prática, deverá se voltar para esta questão, ampliando seus conhecimentos de outras áreas tais como: arquitetura, sociologia, meio-ambiente e psicologia. Desenvolvendo ainda mais, sua sensibilidade e percepção dos aspectos estéticos, éticos e de comportamento.

Um estudo sobre arquitetura e design de interiores relacionado à felicidade com o viés da psicologia, conforme a gabaritada profissional Angelita Corrêa Scardua, Psicóloga, Mestre e Doutoranda pela USP (SP). Especializada em Desenvolvimento de adultos, na experiência de Felicidade e nos estudos da Psicologia Social.

De acordo com Angelita, a ideia de lar implica, em boa parte, a expressão da nossa individualidade, o desejo de afirmarmos nossa condição social e cultural e a representação dos nossos valores pessoais.

No campo da Psicologia há estudos sobre os efeitos do ambiente na vida das pessoas, e vice-versa, desde aspectos genéticos, ligados a neurociência da percepção, até fatores subjetivos como as características de personalidade subsidiadas por formações inconscientes.

Uma vertente interessante e a princípio mais palatável para não psicólogos, são os estudos no campo da Psicologia Ambiental, que se baseiam nos mecanismos evolutivos que favoreceram a constituição da espécie humana. Sabe-se hoje, por exemplo, que a sensação de conforto e felicidade no que diz respeito ao habitar vincula-se aos instintos primários que nos leva(ra)m à luta pela sobrevivência.

A sobrevivência de nossos antepassados dependia da capacidade de encontrar lugares seguros, que fornecessem abrigo dos elementos naturais e proteção contra os predadores.

Assim, tendemos a preferir lugares acolhedores, que dão a sensação de conter, abrigar, acolher, como ocorre com telhados de muitas águas e variações na altura, com moradias de espaços compartimentados e privativos.

A casa possui uma forma de comunicação não verbal que acaba por delinear a personalidade de seus moradores. Diz o arquiteto Sig Bergamin: “Ela tem sua própria voz; é uma tolice não tentar ouvi-la.” Ouvir essa voz significa decodificar a identidade de seus moradores, suas histórias, hábitos e costumes. Cada casa é única e deve, portanto, ser pensada de forma individualizada, em detrimento do ego do profissional que a projeta e das tendências de mercado, pois a casa é reveladora: identifica o padrão arquetípico, padrão ideal, e a representação de seus moradores.

Uma residência bem iluminada, colorida, com cortinas leves e espaços interligados pode indicar que seu habitante é extrovertido e esfuziante; já lugar entulhado de objetos, com cores pastel, pesadas cortinas e compartimentos segmentados costuma fazer pensar em uma personalidade mais introvertida. Tecidos rústicos podem revelar despreensão, enquanto fazendas brilhantes apontam, em muitos casos, prepotência, arrogância ou desejo de impressionar o outro. Mas nada pode ser avaliado de maneira separada, pois cada elemento decorativo é peça de um quebra-cabeça em busca de decodificação.

Cada espaço possui um significado psicológico: a sala tem conotação social, das trocas, das relações; é o local onde se faz a transição entre o interno e o externo, onde se utilizam máscaras sociais na intenção de revelar aos outros quem desejamos ser. A sala de jantar carrega um aspecto formal, onde se busca a socialização da família com os seus convidados, estão implícitos a organização e as normas de etiqueta. Já a cozinha representa o útero da casa, o afeto, a nutrição, é também o espaço das transformações profundas. Os quartos são os lugares onde se sonha e onde a sexualidade pode ser expressa de forma mais livre – referem-se ao inconsciente, à subjetividade, ao corpo e aos prazeres. Sentar na cama de outra pessoa sem que haja proximidade suficiente para isso é uma indelicadeza, uma vez que o leito é um lugar de intimidade, que resguarda

sonhos e segredos. Já o banheiro é o espaço do desnudamento, onde se tiram as roupas e as máscaras sociais se desfazem, tornando o indivíduo mais vulnerável.

Não por acaso, os caracóis sempre fascinam as crianças por poder carregar suas casas nas costas. Sociedades itinerantes, como ciganos, que transportam seu mundo em carroças, ou os tuaregues com suas cabanas também atraem interesse: esses povos – que a qualquer momento se vão – despertam um misto de atração e intolerância. Talvez o fascínio venha do anseio humano por domínio total sobre a casa – e estendendo esse controle sobre si mesmo.

Subjetivamente a execução dos meus projetos, que cresceram de acordo com as necessidades dos meus clientes ao longo desses últimos dez anos de trabalhos diferenciados e ligados a sustentabilidade e criatividade. Ao ser solicitada, hoje já possuo uma clientela que me aborda a partir de suas necessidades essenciais, baixos custos e reutilização de mobiliários existentes. Assim, fazemos uma viagem em tudo que vai ser repaginado e reutilizado tantos em residências como em projetos comerciais, nada se perde tudo se recria.

Na atual conjuntura de forte crise econômica e não apenas por isso, a sustentabilidade precisa ser algo constante em nosso dia a dia devido ao crescente consumismo e vida líquida que vivemos. Se conscientizar dos nossos ap"egos" e da forma que consumimos e descartamos as coisas, que trocamos, que enjoamos.

Hoje mais que morar bem, precisamos morar com consciência e sensatez diante dessa modernidade capitalista, é necessário olhar para nosso planeta, onde futuras gerações poderão habitar de forma ainda humana, preservando assim as condições de diversas formas de vida, com preservações, menos descartes, mais reuso poderemos manter os recursos naturais (matas, florestas, rios, oceanos, lagos) da nossa casa chamada terra.

## 2.1 Metodologia

Esse projeto propõe como possibilidade trabalhar os espaços internos de fora pra dentro, trazendo como auxílio o próprio ambiente e seus referentes simbólicos. Trazemos reflexão sobre a reforma íntima quando trazemos a arrumação externa um referencial do que se reorganiza internamente, o teto, a fachada, os cômodos com seus quartos, cozinhas,

salas e varandas como propostas simbólicas das projeções do eu, a casa lúdica. A reforma íntima nos possibilita escolher com quais materiais iremos trabalhar nossos ambientes internos, nossas bases e pilares fortes nos motivando ir além e exercitar as nossas motivações, sonhos, desejos e significados, quais são nossas metas e objetivos. A reforma íntima é o caminho pra conhecer a engenharia de si mesmo, para reconstruir aqueles ambientes internos que estão esquecidos ou saturados, entulhados de coisas que precisam ser doadas, reformadas ou descartadas.

### **Objetivo Geral:**

- Distinguir consciente do inconsciente;
- Identificar seus sentimentos genuínos;
- Relacionar a ação com a emoção;
- Validar seu eu no processo de maternagem de si mesmo;

### **Objetivos Específicos:**

- Analisar suas relações e reações;
- Investigar suas emoções;
- Comparar suas atitudes antes e depois do processo arteterapêutico;
- Distinguir o que é seu e o que é do outro;

A metodologia deste trabalho consiste em trazer a casa como metáfora da construção da nossa vida, dentro de uma consigna de reformas, bases e pilares da casa de nós mesmos. A metáfora da construção da morada humana se dá em um projeto feito com a casa física do atendido, sendo ele o designer de si mesmo, o protagonista da concepção e elaboração dos seus projetos interiores, a casa edificada interiormente nos faz refletir sobre nossos fundamentos e pilares sólidos mesmo quando estamos no meio de tempestade ou do caos da desorganização que em tempos e tempos nos assolam.

Maria (nome fictício), aceitou fazer parte desta minha proposta de trabalho, sendo minha atendida. A sala no caso da Maria nos remete a socialização, recepção e acolhimento, é uma área comum onde os habitantes dessa casa passam mais tempo juntos, onde se recebem convidados sejam eles íntimos ou não, a sala oportuniza momentos que fortalecem o vínculo de quem vive e vai ali, nutrindo a afetividade e o compartilhamento de suas vivências fortificando suas identidades. É onde o mobiliário sofá tem um significado de extrema importância, ele acolhe e convida para um diálogo, um cochilo ou uma distração a frente da tv ou ao som de uma música onde ela a música reverbera as ideias, os sentimentos e as ações de quem ali vive. Mas nem sempre se tem um sofá, uma música, tv ou uma mesa de apoio que foi o que Maria sentiu falta, algo pra apoiar seus livros, a xícara de café ou outro objeto qualquer, mas em arteterapia nada nos impossibilita de realizar e expressar nossas construções de fora pra dentro ou de dentro pra fora a ordem é desnecessária. O que é necessário é o que fazer com aquele simbólico que não temos e dali tirar a essência do que podemos ter.

## 2.2 Estudo do caso – Cuidando da casa Interior

A atendida em questão é a Maria (nome fictício), casada, mãe de uma adolescente de 15 anos.

Maria chega com brilho nos olhos para nosso primeiro encontro, cheia de expectativas, creio que muito mais pelo que eu poderia lhe proporcionar ao olhar pra sua casa física, do que ela em olhar pra sua casa, sua morada interna. E começamos com a apresentação do trabalho proposto, a casa como metáfora do eu e a anamnese, onde nós conhecemos e nos propomos uma honestidade emocional em nossa jornada juntas.

Maria também escolhe uma varanda como o segundo ambiente a ser trabalhado e ela mora em um segundo andar, ela não tem contato com terra, e sente falta de um jardim, ele nos remete ao solo fértil para germinar e florescer as mudanças e reformas íntima que a jornada nos propõe.

Trabalho com a planta baixa da casa

Neste contexto esse atendido faz a planta baixa de seu ambiente físico de sua moradia no qual ele sente mais necessidade de mudança, no caso da Maria foi a sala e a varanda os locais de maior necessidade. Pedi que ela desenhasse a planta baixa da sua casa e disponibilizei, lápis grafite, lápis de cor e canetas hidrocor a qual ele recusou e ficou com o lápis grafite. O desenho da planta baixa foi desenhado com profundo esmero e firmeza, Maria usou régua e se preocupou muito com as dimensões visuais e suas proporções reais.

Já no segundo encontro nosso trabalho se dá a partir dessa planta baixa feita no encontro da anamnese, a planta toma outras formas, pois peço a ela pra trazer os espaços dentro das medidas exatas, peço que ela use a trena e traga os espaços dentro das medidas reais.

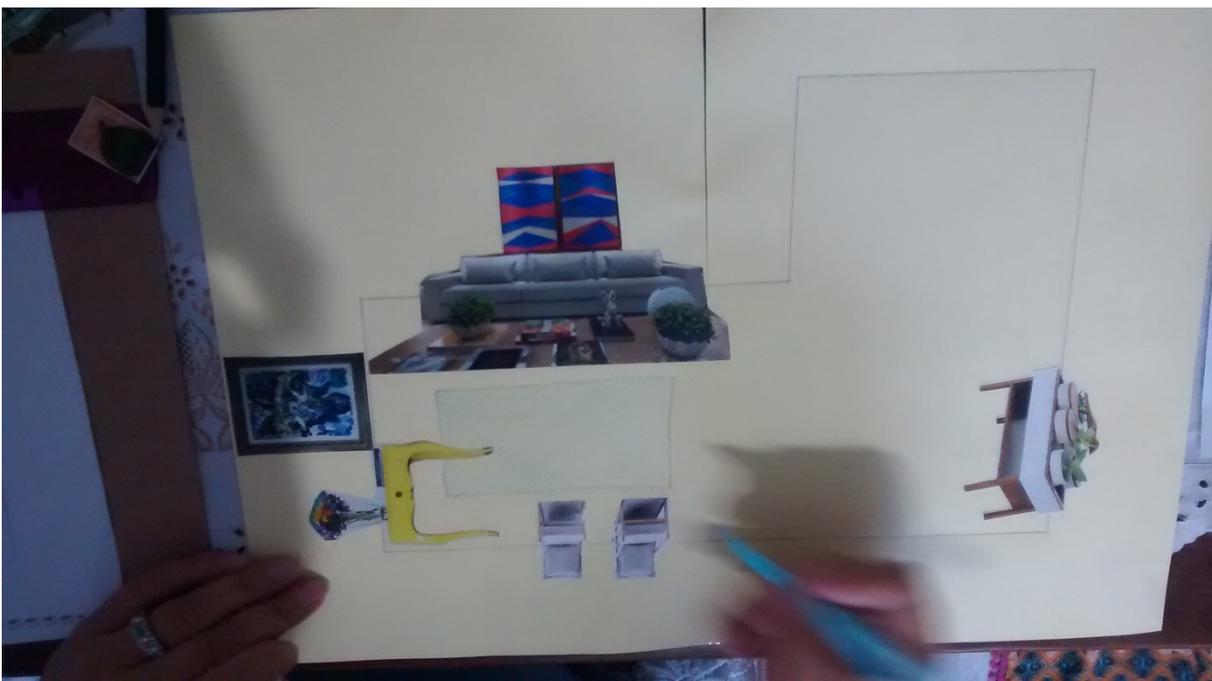
Ela me passa que ao longo da semana, ela se movimentou nessas medidas e muitas vezes foi abordada negativamente e perguntaram se dali sairia um projeto de fato. Ao traçarmos linhas e fazer as elaborações da sala, a casa como metáfora do eu, nossa conversa se deu, a partir da realização de objetivações de desejos do que essa sala deveria ter e o que cada móvel ou objeto simbolizaria.

Peço a Maria que amplie a planta no traçado, para que fique maior pois a proposta e trabalharmos com colagens, lhe apresento um banco de imagens para que ela garimpe e traga pra colocar no contexto sala. Maria começa a fazer seu trabalho introspectivamente em um certo momento falou do momento delicado que está passando relacionado a sua saúde e da falta de humanidade na medicina trazendo a tona sua fragilidade e da frieza que são os atendimentos médicos. Ao se envolver mais com as imagens eu lanço algumas perguntas pra elaboração dessa sala como símbolo de acolhimento e receptividade. Quem eu quero trazer pra perto de mim? Quem eu quero acolher? O que é ser receptiva pra mim? Sou receptiva comigo?

Digo que ela não precisa responder pra mim, as repostas surgirão, emergirão de acordo com o desenvolvimento da reprodução. Com essas perguntas no ar, ela emerge nos seus pensamentos, anota nomes faz colagens e na sua produção relembra de pessoas que já não estão mais presente neste plano, mas se atem a uma mesa de canto, uma mesa de apoio que a faz lembrar da avó no qual fez o papel de mãe em sua vida.

Ao começarmos a olhar a simbologia das imagens, no caso o banco de imagens girava em torno de móveis, adornos e plantas, Maria sentiu falta de um tapete ao falar desse ambiente que acolhe, não só ao outro mais primeiramente ela, então ela pegou lápis e lá

estava ela desenhando seu tapete azul. Ele deu a devida atenção ao sofá, falou do significado pra sua vida, me contou que ganhou um sofá, disse da necessidade de ter um sofá que a abrace, que seja confortável e que caiba todos da família, abordou a necessidade de ter poucas coisas, as cadeiras de frente pro sofá que convida ao um papo gostoso com quem ali estiver, as mesas de centro e de apoio que é algo que ela sente falta na casa real dela, falou dos quadros, me contou que faz algumas pinturas, deixou alguns espaços vazios pois havia coisas importantes a fazer, a escada que vai subir pro primeiro andar, aumentar os espaços, construir outros cômodos para que essa sala ganhe outros aspectos já que hoje ela é mais um corredor estreito que uma sala de fato. O tapete ganhou rumos na conversa, essa peça que traz conforto no ambiente foi o centro das atenções e trouxe a lembrança de um desconforto vivido por Maria, ela está fazendo um curso de palhaça e nesse ambiente tem um palco no qual ela precisa ficar descalça, ao vivenciar a expressividade da construção do tapete ela teve a percepção de como ela estava sentidos os pés doloridos, pois estava fazendo um esforço pra não sentir a textura do chão, que é o que a incomoda nos ambientes que tem que ficar descalça, dentro em vista que ficou muito tempo nesse ambiente retraindo os pés ela se deu conta do porquês das dores e na nossa conversa propus que ela observasse durante a semana a necessidade de estar sempre calçada ou pisando em tapetes e que ela se abrisse ao desconfortável também, sentindo o chão e o desconforto que dali surgia.



Figura

1: Expressão plástica recortes e colagem.

No nosso encontro seguinte, terceiro encontro, Maria traz o relato de como foi a semana e o exercício de sentir o chão, dentro de sua casa e ao entrar em outras casas. Ela relatou que já estava conseguindo colocar os pés no chão sem contrair os dedos, sem tentar fugir do chão, a resistência deu lugar a observação de porque esse desconforto se deu, Maria não lembrou de pronto o motivo de fugir do chão e isso viria ao longo das nossas conversas em um relato de quando a sua casa ficou sem o piso, e tinha muita poeira e grãos de areia que incomoda e aí ela encheu toda a casa de tapete pra fugir do desconforto desse chão. Fizemos um momento de relaxamento de respiração profunda durante seis vezes e música instrumental antes de começarmos a fazer o novo trabalho, a proposta dessa semana era trazer o tapete tão utilizado por ela como peça simbólica, dei folhas A4 e tintas coloridas e coloquei disponibilizada na mesa, falei com Maria que ela iria confeccionar um tapete a partir desses materiais. Ela me trouxe a leitura de controle ao executar o trabalho expressivo, se preocupou muito com a estética e perfeição a harmonia das cores, antes de tudo ela queria fazer um trabalho que estivesse esteticamente bonito e perfeito, mas em arteterapia, na expressividade, no simbólico a preocupação do belo, do estético também quer nos dizer alguma coisa, e nessa produção ela se deu conta que ao fazer, as coisas não saíam da forma que ela esperava.

Quis fazer um pé depois o outro, para que tudo saísse perfeito e começou a pintar os pés por parte com várias cores na intenção de ficar um trabalho harmonioso, ao colocar o pé lambuzado de tinta no papel ele escorregou e a tinta escorregou e isso Maria não esperava, perguntei qual foi a sensação ao fazer e ela me disse ter sido prazeroso, que gostou do contato da tinta com o papel e aquele leve escorregar só a incomodou pelo fato de ela o tempo todo está preocupada de como ficaria a simetria, depois o pé ficou grudado no papel e ela precisou pedir minha ajuda para que o mesmo soltasse trazendo um leitura significativa do processo ao nos darmos conta do controle, da ajuda do outro e

de que precisamos apoiar e sermos apoiados nas nossas vivências da casa interna.



Figura 2: Expressão plástica com tinta.

Maria fala sobre o formato de seus dedos que eles não ficaram certinho, depois que ela coloca os dois pés e fica os olhando e ao longo de toda sua produção fala que se eu não estivesse ali ela faria um trabalho mais assimétrico e com mais regularidades trazendo novamente a necessidade de controle dos formatos certos, da estética perfeita, do perfeccionismo em si que o tempo todo traz a necessidade de tudo muito bom, nesse momento eu lanço algumas perguntas e a mesma me fala sobre a necessidade de ter tudo sobre controle, ela me fala que iria fazer os dois pés da mesmas cores, a mesma simetria e ao ser dá conta disso mudou as cores segundo o relato dela. Eu lhe asseguro que estamos em um espaço sagrado e que tudo que esse fazer nos traz e perfeito em si, e que não há necessidade de se preocupar com nada, apenas deixar fluir. Começa a executar a produção dos detalhes desse tapete, começa a fazer pequenos traços que pra ela são as gramas e lembra da falta que sente de uma área mais verde, o sonho de ter um casa com grama e conta de uma casa em que um dia morou e que um dia ela encontrou um pedaço de grama que um vizinho tinha jogado fora, ela pegou e plantou no meio do quintal, nesse período teve uma enchente que alagou tudo por 24 horas, a abaixar a água e passar uma semana depois ela percebeu que a grama estava viva e ao passar o tempo a grama cresceu tomando conta de todo o quintal, nessa grama ela forrava uma toalha bem grande e sentava ali com a sua filha que ainda era muito pequena, a reprodução além de trazer lembranças prazerosas veio também com o desejo de uma casa, uma futura casa quem sabe com quintal e grama. Fala sobre a falta de não ter terra para fazer uma horta, plantar e dessa necessidade que vem e que a sua casa real não tem.

Depois começamos uma leitura do que ela produziu no contexto geral daquele tapete e mostro de vários ângulos esse fazer, ela olha tudo e muitas vezes me fala que prefere que ele seja olhado com as pontas dos pés pra cima de uma forma que ela perceba que está caminhando, eu mostro de diversas formas pra causar esse estranhamento e fazer

com que ela veja de várias formas. Maria me relata que gosta tudo com muitas cores, e fez o pés bem coloridos e lembrou do passado da época que ainda era solteira e vivia seu momentos de dor, estava recém casada e que fez uma viagem no qual um primo foi e questionou sobre ela só usar preto, ela trouxe esse questionamento da viagem e começa a perceber seu guarda roupa que realmente só tinha roupas pretas e marrons trazendo um novo olhar não só para o seu vestuário mas para o colorido da vida. No primeiro encontro além da apresentação do trabalho proposto e de nossa apresentações pessoais Maria me contou da sua fase de vida e de sua criança ferida, dos seus medos, do abandono e negligencia afetiva por parte de seus pais, se até a tudo com muita firmeza demonstrando uma segurança encoberta pelo controle que ela mesmo relata. Me fala da experiência de não ter tido um lar, de não saber onde estava fixada realmente como criança em um lar, pois passou por muitos lugares e quando ela começava a se sentir inserida vinha alguém e arrancava dali, falou que o lar em que ela se sentiu mais validade foi com a sua avó, mas que também não ficou e dali foi mandada a morar com o pai no qual lhe trouxe muita dor e sofrimento, nesse período ela já estava uma mocinha com 15 anos e não tinha convivido com esse pai, não havia vínculo afetivo, esse pai já tinha outra família.



Figura 3: Expressão plástica com tinta guache.

Ainda sobre os pés Maria traz na percepção do que surge com as cores a sua família, o esposo e filha e a necessidade de fortalecer o vínculo com o esposo. Nesse momento me

pede pra reproduzir outra coisa e me traz as mãos, me fala que ela é a cor amarela, o esposo a cor azul e faz uma terceira mão unindo as mãos.



Figura 4: Expressão plástica com tinta.

No nosso quarto encontro a proposta foi trazer materiais que proporcionasse fluidez e descontrole, usamos xadrez líquida em folha A3, Maria se sentiu desconfortável porque teve dificuldade de controlar a fluidez da tinta que seguia percursos próprios, a proposta foi desenhar o cômodo sala na folha A3 e dentro do limite da planta baixa executar a difícil tarefa de sair do cômodo, como mostra a imagem foi impossível de manter a fluidez da tinta no compartimento do cômodo, ela não tem limite e esvai-se.

O objetivo foi trazer uma reflexão sobre a grande sobrecarga de energia nas coisas que não podemos mudar, e as vezes ficamos exaustos tentando manter situações que não dão respeito a nós, trazendo muitos desgastes emocionais e físicos no dia a dia.

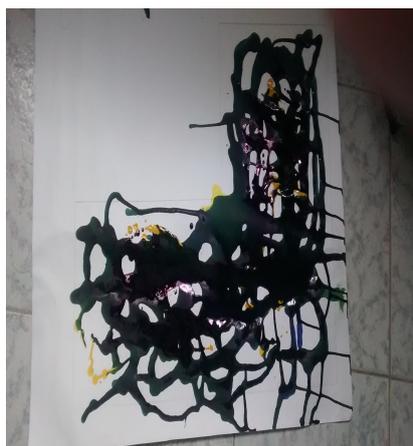


Figura 5: Expressão plástica tinta xadrez.

No nosso quinto encontro a proposta foi de fazer uma visita a campo, saímos do setting arteterapêutico e partimos para conhecer a casa da atendida. A importância de cada espaço, seus significados e como cada ambiente se mostrava como seu lar.

Na arteterapia nada é estático, o que levamos como proposta pode se desdobrar em outros caminhos, acredito que como veículos, somos apenas condutores do “Cosmo, Universo, Poder Superior, Sagrado, Eu Sou, Divino, Consciência”. O Deus da forma que cada um concebe, somos condutores de um poder maior e é esse poder que traz o que precisa vir, é nessa energia que se dá o fazer arteterapeutico e sua “mágica”.

Cheguei com flores, margaridas simbolizando beleza e doçura, aroma e serenidade, dessas flores mais adiante se daria outros contextos. A proposta era que a atendida trouxesse 3 objetos significativos que ela escolheria na casa. Antes de começarmos fizemos um relaxamento e ela foi em buscas do que poderia trazer...Veio com dois portas retratos, da filha e dela, me disse que não conseguiu pensar em um terceiro.

Perguntei do significado de cada um, o que cada imagem lhe trazia: Essa é minha filha, está com 6 anos nessa foto e ela foi meu porto segura pra eu enfrentar todo meu passado, a dor de ser abandonada me deu um potencial de ser mãe adotiva com amor, ela quem me trouxe a esperança de vivenciar com ela a história que eu não tive, ela que me trouxe alento e a experiência de poder amar.

Ao falar de sua foto, um porta retrato bem minúsculo, disse que não tinha nada pra falar, perguntei o que ela via ao olhar: Não vejo nada...E entrou em um choro profundo, deixei que chorasse e coloquei a mão em sua perna em sinal de acolhimento, não fui invasiva e não quis abraçá-la pois nossa formação de vínculo ainda está sendo formada. Após seu choro me falou das tristezas e infelicidade de ser criança, das negligencias, dos abusos e constantes abandonos.

Pedi que ela reproduzisse dois desenhos, um que representasse o porta retrato com sua filha e um que representasse sua foto.



Figura 6: Expressão plástica de desenho hidrocor e lápis de cor.

Ao me relatar o que fez, trouxe ela e a filha em uma trajetória de vida, de amizade e companheirismo, apontou que em um dado momento ela precisará deixar a filha seguir seu caminho, estudar fora, casar e seguir a vida de forma independente. Ao final existe a menina de verde que é a filha na ponta perto do sol e ela de rosa em baixo, simbolizando assim a separação. Pergunto se isso a faz sofrer, e ela fala que sim, que a busca de se reencontrar nela mesma se auto conhecer se deu por conta desse temor, ficar sozinha.



Figura 7: Expressão plástica desenho com hidrocor e lápis de cor.

Depois ela me mostra o labirinto que é a expressividade trazida do porta retrato com sua imagem de criança, onde apareceu a criança ferida. Na imagem ela desenha uma menina chorando na ponta direita do labirinto e na ponta esquerda um sol, me diz que sempre se sentiu dentro de um emaranhado de confusão sem saída e que esse labirinto ela fez um acesso que dá ao sol, que só precisa passar, fazer o caminho de volta.



Figura 8: Expressão plástica desenho com hidrocor e lápis de cor.

De repente ela ajunta as duas folhas e me mostra, numa união, que há um desdobramento. Peço que me explique como se deu aquilo para ela: Eu quero sair desse emaranhado que estou presa, não consigo ver NADA na criança que fui, sempre quis esquecer. Digo que há uma criança ferida dentro dela querendo ser resgatada e acolhida, uma criança interna ferida que precisa ser protegida por ela hoje adulta. Faço algumas

indagações sugestivas, e peço pra ela olhar novamente para as imagens juntas, a criança ferida lá na ponta direita, o caminho do labirinto triste, o sol, o portal, as duas meninas. Peço pra ela fazer uma retrospectiva interna, a trajetória com a filha, sua adoção, o anjo que ela se tornou. Peço pra olhar de novo, pra ela mudar os papéis do desenho, peço pra ela adulta se colocar no lugar da filha de verde, falo que ela pode ser a menina de verde, ela pode começar a fazer uma nova caminhada, uma nova trajetória na busca de curar a si mesma, de cuidar da sua criança ferida e começar um processo de “maternagem de si mesma” no sentido de (re) descobrir um novo caminho na aproximação do contato com sua criança interior ferida e abandonada.



Figura 9: Fotografia da vivência do altar.

Ao final sugiro que ela faça um altar e que coloque nesse altar as peças escolhidas ou mesmo algumas outras que a simbolizem e ela prefere manter as escolhidas, o terceiro elemento surgiu depois, o colar de pérolas rosa ela não encontrou no momento da vivencia mas me disse que ele foi um símbolo da amizade e companheirismo dela com a filha, ele significa laço. Sugiro a ela que remonte o altar a cada semana com novas flores naturais e que se dedica a intencionar cura e ajustamento na ligação da criança ferida que ela foi, à adulta que é, e com a criança divina que ela tem dentro de si, intencionando assim aceitação, entrega e espera de transformação.

Ao passo que a criança ferida e prematura estará frágil e assustada a atendida em processo de “maternagem” de si mesmo estará em ajustamento e também com muitas angustias para criar um espaço mental para se tornar mãe de sua criança interior ferida: As duas partes estarão em processo de ajustamento e fragilidades em lidar uma com a outra, se dará uma constelação psíquica que chamaremos de constelação/gerar/vincular as partes de si mesmo.

A construção da “maternagem” dessa constelação/gerar/vincular as partes de si mesmo suscitará os mais diversos sentimentos, um lugar novo e assustador que representa angustia onde sentimentos se mesclam em impotência, incapacidade e incertezas. Neste processo é imprescindível a validação de outra pessoa arteterapeuta para que haja a assistência humanizada de todo o processo de vínculo favorecendo o sentimento ténue de pertencimento das partes permitindo que ambos se reconheçam e se identifiquem, dando seguimento a uma relação que foi postergada por comportamentos exteriores/abandono/negligencia e medos de um ciclo de dor de pais abusadores que também foram abusados e feridos.

## **CONCLUSÃO**

Em um determinado momento comuniquei a Maria que nossos encontros se daria até um determinado tempo, revelando a ela quantos encontros a mais teríamos, iríamos completar dez, porém os relatos e registros do trabalho se encerra por aqui, teremos outros atendimentos além desses dez e a partir da necessidade da atendida iremos juntas dar seguimento ao processo de resgate da criança ferida e entender essa relação

entre passado e presente, para compreensão do arquétipo da criança interior. Essa tomada de consciência é um caminho possível para cuidar da casa interior, de si, transformar a circunstância, aprender a fazer a faxina e esvaziar o lixo emocional guardado nos porões do inconsciente, aprender a relaxar, aprender a olhar o “jardim de dentro”, eliminar as “ervas daninhas”/mágoas do passado, para poder plantar suas próprias flores e regar seu próprio jardim. Olhar para sua criança interior é reconhecer necessidades no presente. “O conhecimento ilumina as câmaras esquecidas na casa escura da infância. Agora eu sabia como era possível sentir saudades de casa, em casa.” (BRADSHAW, 1993, parte I, p.21) Esse processo de conhecimento e autoconhecimento, agora “iluminado” e “iluminando” as necessidades da criança arquetípica poderá indicar um caminho a ser percorrido para a individuação.

Até que possamos fechar essa Gestalt, em arteterapia nada se encerra vivenciamos ciclos que se movimentam, abrem e fecham confirmando o giro natural da vida, uma vida cíclica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas. São Paulo: Vetor, 2000

ANGELITA SCARDUA - A casa e seu significado: Refúgio para o bem estar físico e emocional. (On Line) <https://angelitascardua.wordpress.com/2011/08/02/a-casa-e-seu-significado-para-o-bem-estar-fisico-e-emocional/> Acessado em 20/08 2017

ANIELA JAFFE, CARL G. JUNG, JOLANDE JACOBI E M-LOUISE VOM FRAZ – O Homem e seus Símbolos.

<http://www.wikipedia.org/wiki/arteterapia>. Acessado em 27/05/2017

<http://www.abra.com.br/artigos/26-design-de-interiores-como-instrumento-de-humanizacao-ambientes-para-conviver>

FORDHAM, Frieda. Introdução à Psicologia de Jung. São Paulo: Verbo, 1978

JUNG, Carl G. Memórias, Sonhos, Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_. O Desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. O Eu e o Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. Psicologia e Alquimia. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

\_\_\_\_\_. Memórias, Sonhos, Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUMBERT, Elie G. Jung. São Paulo: Summus editorial, 1985

Gomes Filho, João – Ergonomia do objeto

\_\_\_\_\_. Design do Objeto: Bases conceituais

Kiyan, Ana Maria Mezzarana. O gosto do experimento: Possibilidades clínicas em Gestalt-terapia.

NAUMBURG, M. Arteterapia: Seu escopo e função. In: HAMMER, E.F. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. Tradução de Eva Nick. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

Philippini, Angela. Linguagens e materiais Expressivos em Arteterapia

SHARP, Daryl. Léxico Junguiano. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORAES, Eliana. A percepção de si, dentro do agir – Especificidades da Arteterapia

SILVEIRA, Nise da. Jung , Vida e Obra. Rio de Janeiro: José Álvaro editor, 1974.

\_\_\_\_\_. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

Leslie, Vera Fraga. Lugar comum-Auto ajuda de decoração e estilo.

VALLADARES, Ana, C.A e NOVATO, Ana, C. R. Aspectos Transformadores da Construção em Arteterapia com Adolescentes. Revista Eletrônica de Enfermagem (On Line). Goiânia, V. 3, n. 1, Jan-jun, 2001. Disponível: <http://www.fen.ufg.br/revista>. Acessado em 27/05/2017.

## **ANEXO**

Minha experiência de vida e pessoal no contexto casa

Poucas coisas traduzem tão bem nosso jeito de ser como nosso jeito de morar. Tudo pode ser revelador: se deixamos a comida estragar na geladeira, se temos a mania de deixar as janelas sempre fechadas, se há coisas para consertar. Isso também é estilo de vida.

Há casas em que tudo o que é aparente está em ordem, mas reina confusão dentro dos armários. Há casas tão limpas, tão lindas, tão perfeitas que parecem cenários: faz falta um cheiro de comida e um som vindo lá do quarto.

Há casas escuras. Há casas feias por fora e bonitas por dentro. Há casas pequenas onde cabem toda a família e os amigos, há casas com lareira que se mantêm frias, há casas

prontas para receber visitas e impróprias para receber a vida. Pode parecer apenas o lugar onde a gente dorme, come e vê televisão, mas nossa casa é muito mais que isso. É a nossa caverna, o nosso castelo, o esconderijo secreto, onde coabitamos com nossos defeitos e virtudes.

A minha casa na infância não era o melhor lugar do mundo de se viver, ainda estou (re)descobrimo se há alguma coisa boa, pois o que ficou honestamente falando foi a vivências mais tristes, me faltou um sentido de pertencimento. Erroneamente eu me enganei durante muito tempo em acreditar que a beleza e a estética dariam um sentido e preenchimento ao vazio do meu peito, creio que ao longo da construção de mim mesma eu me “perdi” em fantasias, para construir um mundo imaginário pra mim, o fato é que eu cresci e acabei trazendo a fantasia para a vida adulta de forma negativa.

Mas os enganos também foram um caminho, um caminho para a reforma de mim mesma, a engenharia interior só foi e está sendo possível a partir dos erros ao achar que o problema era o outro. No meu caso a minha mãe, não posso falar dela sem falar de suas neuroses, da sua dor maior, seu desencontro consigo mesma que afetou toda a família em algum grau, a acumulação compulsiva.

A acumulação compulsiva ou disposofobia (fobia em dispor das coisas), consiste na aquisição ou recolha ilimitada de objetos de pouca ou nenhuma utilidade, muitas vezes já deixados no lixo por outras pessoas. A acumulação compulsiva também é conhecida como Síndrome de Miséria Senil, por muitas vezes (mas nem sempre) acometer pessoas de mais idade ou Síndrome de Diógenes, devido ao filósofo grego que vivia como um mendigo recolhia da rua inúmeros objetos sem valor. Talvez seja esse o primeiro relato de acumulação compulsiva na história.

Acumulação compulsiva é um transtorno emocional com fortíssima repercussão comportamental e cognitiva caracterizado por recolhimento excessivo e incapacidade para descartar coisas, geralmente sem utilidade. O comportamento de acumulação compulsiva geralmente causa, para a pessoa que sofre da doença e para membros da família, prejuízo emocional, social, financeiro, físico e até mesmo legal.

Os acumuladores compulsivos juntam grande quantidade de coisas, geralmente em completa desordem, ocupando áreas excessivas da casa ou do local de trabalho que fazem falta às demais pessoas. Nos casos graves o paciente começa enchendo um

quarto de quinquilharias, depois outro, a sala, cozinha e logo não sobra espaço para mais nada na casa.

Algumas pessoas acumuladoras compulsivas podem não ter senso crítico da anormalidade e morbidade de sua atitude, mas, não obstante, seu comportamento costuma ser angustiante para outras pessoas, como por exemplo familiares, vizinhos, amigos.

Muitas vezes a pessoa acumuladora compulsiva perde o controle para organizar e selecionar seus objetos acumulados gastando todo seu tempo disponível nessa atividade completamente estéril. Dessa forma as coisas acumuladas passam a dominar sua vida, a qual parece fazer sentido apenas para adquirir compulsivamente mais coisas sem jamais conseguir se libertar delas.

Existe uma clara separação entre o acumulador compulsivo e o colecionador. Mesmo que o colecionador seja compulsivo para adquirir objetos de sua coleção, como selos, carros, borboletas, bonecas, games, bichos de estimação, relógios, etc., ele tende a organizar os objetos racionalmente, respeita sensatamente o espaço, os valores e as possibilidades práticas de aquisição. Os acumuladores compulsivos, por sua vez, são incapazes de organizar o seu espaço de convivência, perdem o autocontrole para adquirir ou de se desfazer das coisas.

Hoje relembro a infância me recordo o quanto a minha mãe era uma pessoa com comportamentos depressivos uma mãe castradora, detentora do controle de tudo já que tínhamos um pai passivo diante dela, essa passividade nos custou um lar mais disfuncional do que o normal, onde a castração gerou vários conflitos a medida que crescíamos e íamos em direção de nossa validação. Recordo o interesse de fazer arquitetura já na infância, queria construir prédios altos, belas casas com piscinas e tudo mais. Meu lar era desorganizado, mal cuidado mas não era o descuido físico em si que tornava tudo tão distante e difícil, era o negativismo e a falta de afeto, os anos foram passando e os conflitos criando proporções ainda maiores. O interesse de fazer arquitetura se perdeu nos medos, dos quais foram alimentados desde bem cedo ainda no ventre materno, o parto foi difícil segundo os relatos da mamãe e eu já tinha um irmão de um ano e meio quando eu nasci, houve muita rejeição, abandono emocional, raiva...Trouxe comigo muitos traumas infantis, uma ruptura com meu pai ainda com 4 anos admoestado por minha mãe já que para ela eu era mimada demais por ele, papai

sempre se esquivava e se distanciava para evitar as falas inflamadas, me senti perdendo sempre, com um enorme sentimento de inadequação. Um molestarmento aos 8 anos que me deu a dimensão da solidão, do medo de enfrentar a vida que viria já que nesse período me sentia desamparada pelos que eu mais amava e acreditava ser amparada e protegida. Uma mãe neurótica e cheia de medos que não conseguia dar conta da extensão da dor que estava gerando, pois estava emergida na sua própria dor e um pai passional que precisava deixar tudo mais calmo, não falar era a forma que ele encontrou de não aferir a ira dela.

Quando eu tinha 20 anos ele partiu, voltou pra essência e ficamos aqui perdidos ao meio das perdas, o que era ruim se tornou um pouco pior, tomou outros rumos, outros conflitos, crises emocionais subiram. Foi a parti desse período que a depressão e ansiedade da mamãe teve comorbidades e sutilmente começou com as compras e os acúmulos, o fato dela ser controladora nunca nos deu liberdade de escolhas, sendo a “mãe” com seu peso arquetípico em questão bem condicionados e com seus meios de manipular as coisas, não nos deu chance de se desvincular naquele período. Os anos são sopros e passam rápidos, veio a formação de gestão em Marketing e nela o primeiro sentimento de pertencimento e validação da coragem, foi aí que eu disse que poderia realizar meu sonho, não faria Arquitetura mas poderia fazer Desing de Interiores e o fiz. No período da formação de desing de interiores sofri um grande trauma em casa, foi o estopim que desencadeou a síndrome do pânico trazendo à tona todos os medos que estavam escondidos na infância, eles estavam ali batendo a minha porta, me dizendo que não daria mais pra esconder, camuflar e fingir que havia caído no esquecimento, o período de individuação havia começado foi um começo difícil sem acolhimento e de muita fragmentação.

Nesse períodos grandes transformações se dariam, novas perdas e algumas decisões, as vezes olho pra essa trajetória e vejo nitidamente a jornada do herói, e vejo que não atravessei esse deserto sozinha, o sagrado esteve e está comigo o tempo todo. Nos perdemos na jornada da vida muitas vezes porque não nos ensinam a lidar com nossa dor, na infância, o que mais tem é negação do que sentimos e crescemos acreditando que o que sentimos não tem valor, não é importante, que é bobagem e isso gera uma frustração e confusão de sentimentos que nos aprisiona em mentiras e crenças condicionantes.

Na jornada do herói e no processo da cura da criança ferida, consegui fazer as pazes com meu pai simbolicamente, me libertando da dor e raiva que minha criança sentia dele, os abandonos e negligencias do que ele não conseguiu fazer, fui em busca de sua história, sua infância e sua dor. Um dia ao fazer uma meditação guiada para resgate da minha criança, me emocionei muito e chorei bastante. Nesta noite ao amanhecer tive um sonho com ele, um sonho curador que me trouxe o resgate da criança e o elo de perdão com ele. Sonhei que estávamos em uma cozinha, estávamos eu meu irmão mais novo e uma menina de seis anos, meu pai estava na cozinha e eu perguntava onde ele estava, ele me dizia que estava “preso” e que não tinha conseguido sair antes, eu pedia desculpa por não ter ido visita-lo. Ele dizia que não tinha problema que agora estava tudo certo, que agora ele estava ali, eu lhe falava na menina, dizia pra ele que “ela” a criança era dele, ele dizia que não, eu repetia que era dele...Ele me dizia não filha, ela é sua, eu retrucava, não, não é sua, e mais uma vez ele dizia ela é sua e ela vinha e abraça a minha perna e a dele já que estávamos de frente um pro outro. A partir daí eu a pegava no colo e a gente se abraçava nos quatro, eu, papai, minha criança e meu irmão. Esse sonho foi meu libertador em relação ao meu pai e o começo do resgate da minha criança ferida no mais profundo do meu inconsciente.

Meu processo com o complexo materno ainda está se dando, já houve muita raiva, muita mágoa e muita espera de mudança, hoje compreendo que o processo é meu, e que só posso fazer o que compete a mim, tomei as rédeas de minha vida e assim estou no processo de aceitação e de perdão. Consigo olhar para minha mãe com olhos de compaixão, ao validar a minha dor pude me colocar no lugar dela, e fazer algumas buscas do seu histórico familiar, sua história e jornada que pouco conseguir saber. Mas o mais importante foi ter a percepção do aqui e agora, me mantendo presente e em observação das sensações e emoções que ao longo do processo vão se transformando, vejo emoções ruins se transformarem em esperanças e compaixão. Cuidar de mim requer me escutar, falar, me validar, validar o que fui, minha dor e feridas e assim me projetar como sanidade para conseguir olhar o outro, muitos alçozes de si mesmo e fazer uma escolha, escolho me reinventar e fazer um elo de amor comigo, e a minha criança divina.

Nada é estático, estou aprendendo a “maternagem” de mim mesma, o ajustamento e o cuidado, o reconhecimento dessas partes a muito negligenciada. A construção dessa maternagem, dessas partes, esse ajustamento requer paciência, zelo, serenidade pois tudo é novo, se abrem antigas feridas, angustias onde sentimentos se mesclam em impotência, incapacidade e incertezas mas dessa vez com consciência, com amparo e

validação de companheiras arteterapeutas, companheiras de vida como minha grande amiga Vera Gavazza companheira de estudos, de experimentação, de partilhas e trocas efetivas no processo de desdobramento da busca do sentimento tênue de pertencimento das partes no reconhecimento e identificação de uma relação que foi rompida e esquecida pela passagem do tempo.

Penso que estamos em um mundo com famílias disfuncionais em maior ou menor nível em meu meio desconheço alguma funcional, comportamentos negligentes, adultos, adulterados, adulterantes que em meio aos medos repetem ciclos, condicionamentos e crenças que limitam. Em algum nível da nossa vida é necessário se fazer “pais” de nós mesmos, derrubar a casa feita na areia e reconstruir nossa casa interna na rocha da alma.

-